

VOLUME 1

FICÇÃO DE POLPA

OS MAIS ASSUSTADORES CONTOS DE
HORROR!

OS MAIS HORRIPILANTES CONTOS DE
FICÇÃO CIENTÍFICA!

OS MAIS ESPANTOSOS CONTOS
FANTÁSTICOS!



ORGANIZADO POR
SAMIR MACHADO DE MACHADO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

isto **não** é uma



editora

FICÇÃO DE POLPA

VOLUME 1

Samir Machado de Machado (org.)
Alessandro Garcia • Annie Piagetti Müller
Antônio Xerxenesky • Fernando Mantelli
Guilherme Smee • Gustavo Faraon • Luciana Thomé
Marcelo Juchem • Rafael Bán Jacobsen • Rafael Kasper
Rafael Spinelli • Roberta Larini • Rodrigo Rosp
Sergio Napp • Silvio Pilau



não • editora

Porto Alegre

2012

*“A ficção de horror é
o maior totem do século XX.”*

Alan Moore

Introdução

P sicopatas! Alienígenas! Monstros! Zumbis! Onde estão a ficção científica, a fantasia e o horror na literatura brasileira? À primeira vista, pode parecer que não temos uma tradição literária nesses gêneros, mas isso não é totalmente verdade. Tentativas são feitas o tempo todo, desde o início do século XX, e sempre houve um público leitor disposto a ler ficção especulativa (um bom termo para englobar os três estilos) produzida no estrangeiro. Será que falta na nossa história uma Idade Média que sustente uma literatura fantástica, mesmo com nosso folclore rico? Será que a falta de investimento em pesquisa científica nos acostumou a pensar na tecnologia de forma passiva, nunca ativa, e nos faz desacreditar uma produção nacional de ficção científica? Será que o horror cotidiano nos impede de aceitar o horror fictício como uma forma válida de escapismo?

Os autores desta coletânea, sinceramente, esperam que não. O que você tem em mãos é um esforço coletivo cuja intenção é, justamente, promover e estimular a produção de uma literatura especulativa que tenha como único compromisso o entretenimento do leitor. Aos escritores que aqui se apresentam, foi feita uma proposta: que criassem um conto de ficção científica, fantasia ou horror com completa liberdade temática. O resultado englobou temas tão diversos quanto populares: serial killers, crimes hediondos, delírios domésticos, sonhos que se transformam em pesadelos e pesadelos que se fundem à realidade, partes do corpo que se rebelam contra seus donos, animais monstruosos e mutações genéticas, mortos-vivos e invasões alienígenas. Curiosamente, como você irá notar, a maior parte dos textos pendeu para o lado do horror, mesmo que dentro de um contexto fantástico ou de ficção científica. O motivo para isso talvez tenha sido melhor apontado pelo escritor inglês Alan Moore: o horror faz parte de nosso dia-a-dia, seja na cultura — através de cinema, literatura e até da música —, seja no noticiário de tevê, nos jornais ou em cartazes de crianças

desaparecidas. A atração que todos sentimos um pouco pelo horror fictício talvez seja uma forma de nos prepararmos para enfrentá-lo na vida real.

Então você se pergunta, leitor: por que diabos este livro se chama **Ficção de polpa**? Porque o horror moderno, a ficção científica como nós a conhecemos e (em menor grau) a literatura fantástica moderna devem muito a um tipo de publicação tão barata quanto desprezada: as revistas *pulp*, ou *pulp fictions*, publicadas entre as décadas de 1920 e 1950, assim chamadas por serem impressas no papel mais barato possível, feito da polpa da madeira, e vendidas por meros dez centavos. Suas capas traziam quase sempre uma belíssima e apelativa (para os padrões da época) ilustração de uma mulher seminua em perigo, torturada ou capturada pelo sádico vilão, à espera do herói que a resgatasse. Foram nas páginas dos *pulps* que H.P. Lovecraft praticamente inaugurou o estilo atual de se pensar a literatura de horror, assim como foram nas páginas das *pulps* que o editor de *Amazing stories*, Hugo Gernsback, cunhou o termo *scientifiction* (que mais tarde virou *science fiction*) e fundou o gênero do modo como o conhecemos. Graças à “literatura barata” das *pulps*, escritores como Lovecraft, Issac Asimov, Arthur C. Clarke, Ray Bradbury, Raymond Chandler e Elmore Leonard, entre dezenas de outros, desenvolveram seus estilos.

Como bem aponta Roberto de Sousa Causo em seu pioneiro livro *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil* (Editora UFMG, 2003), não aconteceu no nosso país um fenômeno *pulp* como nos Estados Unidos, mesmo que houvesse algumas tentativas pontuais de investir nesse tipo de literatura. Na época propícia para isso, éramos um país essencialmente agrário e nossa parca literatura especulativa, dominada por um pensamento eugenista (praticamente racista, como Monteiro Lobato em seu *O presidente negro*), estava mais preocupada em educar e menos em entreter o leitor, predominando, em geral, um ranço didático.

Disso, nós fugimos como a loira virginal foge do assassino mascarado. Não buscamos a pretensão pedante de atribuir uma função à ficção. Nós queremos, isso sim, o que o escritor norte-

americano Michael Chabon definiu como “explodir a mente” do leitor: quando o mundo se revela maior do que imaginamos, quando nossos medos se tornam realidade, quando temos a sensação de sermos insignificantes na vastidão e nos mistérios do universo e, ao mesmo tempo, sermos o centro dele. Nossos esforços, nossa pretensão e nossas expectativas são de tentar dar a você essas sensações.

Samir Machado de Machado

O homem que criava fábulas

por Samir Machado de Machado

FOI NO FINAL da primavera que recebi uma carta da velha Richmond. Era uma amiga de minha avó, conhecia-me desde a infância e foi quem me nutriu o interesse por mitologia. Seu nome completo era impronunciável, uma mistura de poloneses e russos culminando com o sobrenome inglês do marido. Para todos os efeitos, chamavam-na de Berta. Já era rica estando solteira, ao casar-se, ficou milionária. O marido fazia-lhe todas as vontades. Quando se aposentou, os dois entregaram-se a excentricidades que somente os ricos podem usufruir sem que sejam internados, e uma delas era colecionar animais exóticos nos grandes e bem cuidados jardins de sua casa de campo – lembro que foi lá que vi um pavão pela primeira vez. A cada aniversário, enviavam-me coletâneas de fábulas, resumos de odisséias gregas, bestiários variados. Com a morte de minha avó, perdi o contato com o casal de ingleses.

Mas, então, a carta. Quando, após tanto tempo sem contato, recebe-se uma correspondência, fica-se surpreso não apenas que o remetente ainda esteja vivo, mas que também se lembre de nós, e esse foi o meu caso. Na semana seguinte, faria dez anos da morte de minha avó, creio que a data tenha lhes despertado a lembrança. Berta e o marido convidavam-me para o fim de semana, para conhecer os novos animais que enfeitavam os jardins de sua casa, uma fazenda distante 580 quilômetros da capital. Ofereciam-me seu carro e motorista para a viagem de ida e volta. Qualquer coisa que evocasse a lembrança de minha avó me era agradável e eu não tinha motivos para recusar.

Ao chegar à fazenda, a curiosidade se tornou maior: um muro de cinco ou seis metros de altura, com grades de ferro pontiagudas no topo, cercava a área. O muro, por sua vez, era ladeado por enormes e frondosos eucaliptos, tornando impossível ver o que havia dentro da propriedade. O motorista explicou-me que era para afastar curiosos e sem-terra – a única coisa que detestavam mais do que argentinos. Vendo o muro, pensei: o que teriam aprontado os Richmond dessa

vez? Olhei para os jardins e os gramados, enquanto o carro percorria uma estradinha de terra até a casa da fazenda, mas não vi nada. Ao descer do carro, ela veio me cumprimentar. Estava gorda, o cabelo volumoso de laquê, joias pendendo dos punhos às dezenas, vestido pavonesco, uma diva de ópera. O marido, cujo primeiro nome nunca me foi revelado (sempre o tratavam pelo sobrenome) era franzino, magro, cabelos brancos, parecia quebrar quando o abraçavam forte.

Almoçamos. Passamos para a sobremesa, o café, os licores, e, quando achei que aqueles ingleses não parariam mais de comer, convidaram-me a uma caminhada para a digestão. Berta pegou-me pelo braço e disse que me mostraria os novos mimos que o marido tinha lhe dado no último aniversário. Começaremos pelo estábulo, você vai adorar, garantiu. Assim, lá fomos, e vi os animais. Chamavam-se Jorge e George. Vi suas testas. Não sabia se ficava maravilhado ou horrorizado, perguntei como uma coisa daquelas acontecera.

– Não aconteceu, nós os fizemos – explicou-me o velho Richmond, sorrindo de orgulho e satisfação. – Genética, menino. Pegamos o código genético de um narval e misturamos com o de um cavalo, inseminamos uma égua e...

Berta o interrompeu. Não estava interessada em ouvir novamente as tediosas explicações de seu marido, era tudo muito técnico, e os funcionários do laboratório que cuidassem dessas coisas. Virou-se para mim.

– Afinal, não nos interessa como isso é feito, e sim o resultado. Um narval e um cavalo, e temos estes dois belos animais aqui. São belos, não é mesmo?

Respondi que sim. Que mais poderia dizer? Nunca imaginei que veria um par de unicórnios na minha frente. Berta tomou-me pelo braço e seguimos o passeio. Um criado da casa trouxe-nos um carrinho desses que usam nos campos de golfe. O velho Richmond assumiu a direção. Os jardins eram belíssimos trabalhos de paisagismo, com sebes podadas na forma de animais e flores de todo tipo.

– Olhe bem para elas, meu querido – disse Berta, apontando-me a sebe.

Olhei outra vez. Moviam-se. O borametz, murmurei, empolgado. O cordeiro vegetal da Tartália! O velho Richmond começou a falar do cruzamento de animais e plantas, mas Berta o interrompeu novamente. Sem explicações, pediu, o que importa é a beleza dos resultados.

Chegamos à beira de um lago artificial, com um coreto de mármore em estilo neoclássico. Cisnes enormes nadavam no lago, mas, conforme chegamos mais perto, percebi que não eram cisnes, mas cavalos com asas de cisnes. Pégasos, dóceis como nunca vira. Perguntei se podiam voar, mas não, aquelas asas eram apenas um acréscimo estético, e mesmo os animais não pareciam saber bem como manejá-las. A todo momento, Berta me perguntava: não são lindos? Não são maravilhosos? Por mais que estivesse deslumbrado, sentia-me cada vez mais constrangido frente àqueles animais. O simples fato de existirem me incomodava: não eram mamutes, dinossauros, dodôs ou qualquer outro animal extinto pelo destino; eram animais criados da imaginação do homem, não possuíam um lugar na ordem das coisas, não se encaixavam numa cadeia alimentar – e o borametz sequer poderia ser corretamente classificado. Se eram belos? Sim, claro. Horrorosamente belos.

Voltamos para a casa principal. Berta anunciou que estava cansada e se deitaria. Disse-me para ficar à vontade na propriedade. Após sair, foi o velho Richmond quem me tomou pelo braço e perguntou: quer ver um segredo? Estou guardando para o Natal. Concordei, voltamos ao carrinho de golfe e andamos quase dois quilômetros propriedade adentro até uma construção feia de concreto cinzento. Ali, havia homens armados e outros de jalecos brancos, fumando do lado de fora do prédio. Passamos pelos guardas, descemos do carro, ultrapassamos portas e corredores sombrios, descemos algumas escadas de concreto e estávamos numa espécie de fosso, com celas gradeadas e vazias. Exceto uma.

– Você vai gostar dela – disse-me o velho. – Mas não se aproxime muito da grade. Ela é inteligente e, desde que começou a falar, tem se mostrado astuta. Perdoe-nos pelo mau cheiro, mas deixamos de limpar a jaula desde que tivemos um... acidente.

Um fedor de carne estragada e sujeira encheu-me as narinas, cheiro que sentia sempre que visitava os grandes carnívoros do zoológico. Havia uma toca. Dentro da toca, um par de olhos amarelos e vibrantes nos fitava.

– Minha querida, eu trouxe visitas – disse o velho.

Surgiu um par de patas largas e peludas, enormes patas felinas. Em seguida, um par de seios volumosos e empinados, seguidos por um resto de corpo leonino, dotado de vistosas asas de águia. Tinha uma face humana feminina cuja beleza artificial provocava-me um estranhamento, misto de asco e atração. Seus lábios eram carnudos, o nariz era pequeno, uma perfeição científica.

– Ele é uma piada? – perguntou ela ao velho, mas olhando diretamente para mim. Sua voz pastosa e andrógina deu-me calafrios.

O velho olhou-me preocupado e explicou-me: logo que ela desenvolveu a habilidade da fala, comunicava-se como uma criança. Os tratadores acreditaram, então, que seria um bom passatempo deixá-la assistindo a velhos desenhos animados. Ela quis saber por que o gato ou o coiole sempre sofriam os piores destinos. Essa, explicaram, era a piada. Ela, então, manifestou o desejo de ter um gato como companhia, mas, aborrecida porque o animal não falava como ela, o devorou. Os tratadores riram, dizendo que ali estava outra boa piada.

– Não sou uma piada – respondi-lhe. – Mas posso conversar com você.

– Você pode me fazer rir?

Ergui os ombros. Talvez, se soubesse o que a fazia rir. Comida, ela me disse.

– Você ri quando come? – perguntei.

– Não, eu rio quando mato o que como.

Não consegui esconder meu asco daquele animal, e comentei que aquilo era uma coisa horrível de se dizer. Ela ficou perturbada, olhou para o velho Richmond como que em busca de uma resposta que não encontrou. Encarou-me, outra vez, com uma expressão intrigada.

Pedi para ir embora, era desconfortável ficar perto daquela coisa. O velho Richmond me acompanhou até a saída, pediu-me compreensão, disse que aquele animal era novo, recém começava a compreender o mundo à sua volta. Quando estivesse totalmente pronto, socializado, seria como um leão dotado de compreensão humana, uma perfeita companhia para o sítio dos Richmond. Argumentei que um leão que compreende o próprio instinto e o verbaliza não necessariamente o abandona. Mas o velho me garantiu que, com ela, seria diferente. Ela seria especial. Como a filha que não tiveram.

Passei a noite na fazenda, uma noite horrível. Sonhei com Ela, sua face perfeita, seus seios empinados e suas patas de animal. Acordei incomodado com a ideia de estar próximo a uma criatura como aquela, quis ir embora imediatamente. Encontrei Berta na mesa do desjejum.

– Algo está errado – comentou ela, servindo-me de leite quente.
– Não sente algo de estranho no ar? Até os animais estão agitados, tensos. Pobrezinhos. Não deve ser o tempo. Deve ter entrado algum animal de fora, um cão ou algo assim.

Senti um calafrio. A sensação de “algo errado” de Berta passou para mim. Um medo que vinha da minha infância, do sítio de meus avós, de quando algum animal conhecido aparecia morto por outro de fora, o incômodo da presença externa no ambiente familiar.

A resposta veio através de um empregado: havim encontrado o corpo do velho Richmond. Berta ficou em silêncio por um longo tempo, mas, com a fleuma que adquiriu do marido, perguntou com muita calma o que ocorrera. O empregado explicou que o velho fora morto por um animal novo, que nem havia saído fora do laboratório. Não quiseram mostrar a ela as gravações das câmeras de segurança.

Mas eu vi. Não havia som, não ficou claro o motivo que fez o velho entrar na jaula de madrugada. Na imagem chuvizada e cinzenta, pude ver apenas que chegou próximo o bastante da criatura para recebesse uma patada. O velho curvou-se, levando as mãos ao estômago. Quando as tirou, vi que segurava os próprios intestinos. Caiu no chão ainda vivo, enquanto Ela lhe devorava as vísceras. Terminada a refeição, a criatura ergueu o rosto e o balançou de um modo estranho. Aproximei os olhos do monitor: o animal gargalhava, e o fez por vários minutos antes de sair da jaula.

O resto da manhã foi terrível. Berta não imaginava por que o marido pudesse pensar que algo assim a agradaria, ela nunca quis nada que tivesse feições humanas. Mas compreendeu que eu quisesse ir embora o mais rápido possível. Lamentou que minha visita ocorresse num momento tão trágico, mas convidou-me para regressar assim que tudo voltasse à normalidade. Agradei o convite prometendo retornar. Nunca mais pus os pés naquela fazenda outra vez.

Logo na saída, vi os funcionários agitados perto do portão. Enfim, haviam encontrado o animal. Aparentemente, tentara voar para ultrapassar o muro da propriedade, mas, ao chegar ao topo, caiu sobre as lanças. Morreu empalada.

Carne

por Guilherme Smee

A CORDEI COM FOME. E com uma dor de cabeça insuportável. Provavelmente, bebi alguma coisa forte na noite anterior. Deve ter sido uma festa muito boa: não me lembro de nada recente e estou vestindo uma roupa de sair. Acho que dormi com ela. No estado em que estava, prova-velmente, não tive paciência de vestir algo mais confortável.

Tem um cheiro estranho por aqui. Parece lixo, mofo. Deve ter alguma coisa apodrecendo. Não, é só desse lugar. Estas roupas estão fedendo. Será que o cheiro deste lugar impregnou nelas? Estão imundas, cheias de pó. E essa dor de cabeça desgraçada! Preciso me levantar e trocar essas roupas.

Espera um pouco. Aqui não é a minha casa. Olha só pra este lugar. Paredes descascando, pedaços de tecido rasgado atirados pelos cantos, as cômodas e o guarda-roupa com as portas e gavetas escancaradas. A escrivaninha do canto foi atirada contra a parede. Tem um desgaste na quina desse móvel que se encaixa com aquele talho aberto na parede e com os pedaços de tijolo e cimento espalhados pelo chão. O lustre está dependurado, pendendo no ar graças a um fio de cobre desencapado. Falta pouco para se estatelar no chão. E o fedor. É azedo, insuportável e se espalha facilmente. Como quando alguém mata uma aranha, daquelas grandes, e é impossível evitar que aquele cheiro ocre invada nossas narinas. Ele vem da cozinha. Vou para lá e aproveitar para matar a fome.

Meus passos são lentos. Deve ser a dor de cabeça, mas acho que, se comer alguma coisa, para de incomodar. Eu tento me apressar para cruzar o corredor e chegar de uma vez à cozinha, mas é impossível.

Sinto-me um pouco tonto. Não é uma tontura de embriaguez, nem de labirintite. Tive isso quando era criança depois que caí do beliche de cabeça no chão. Não sabia onde era esquerda ou direita e não podia andar sozinho pela cidade sem me perder. Hoje, é

diferente. Tem essa dor na parte de cima da minha cabeça me impedindo de agir direito, como se a comunicação mental com meu corpo estivesse bloqueada de algum jeito. Estou lento até para piscar. É como se o corpo respondesse meio segundo depois de ter ordenado a ação. Tudo truncado.

É nessa tranqueira que eu entro na cozinha. Tem comida espalhada pelo chão. Está tudo sujo e desarrumado. Copos e talheres quebrados. Os armários também estão escancarados. O lixo está aberto. As moscas revoam sobre ele, buscando alguma coisa gostosa para saciar sua fome. Eu também quero comer. Até já sei o que quero: uma carne bem suculenta. Eu não sou daqueles que curtem um bife malpassado, mas tudo que desejo é sentir a maciez da carne misturada com o suquinho formado pelo sangue sobre a minha língua e cortar cada pedacinho com os dentes.

Não foi uma festa o que aconteceu aqui. Os únicos que podem ter festejado são os ladrões que pilharam este lugar e talvez os outros insetos no meio daquele lixo, sob as moscas. Deviam estar procurando algo valioso pelo jeito como deixaram este lugar. E eu me pergunto o que foi que vim fazer aqui.

O fedor vem da geladeira, a porta está entreaberta. A luz de dentro está falhando. Acho que faz tempo que esta porta está dessa maneira. Eu abro a geladeira, o fedor invade minhas narinas e junto com aquela visão me provoca ânsia de vômito. Dedos, olhos, orelhas em um determinado estado de decomposição estão dentro de uma panela, mantendo as moscas e os besouros longe.

Minha reação foi correr para o banheiro, certo de que meu estômago revolveria qualquer coisa que eu tenha comido antes. Contudo, minhas pernas me obedecem com dificuldade. A maldita dor. Não posso evitar: vomito ali mesmo. Lentamente me agacho, mas nada acontece. Então me levanto decidido a fazer aquela dor passar. Queria sair de uma vez dessa casa estranha que já começava a me provocar arrepios e pensamentos asquerosos.

Reviro os armários em busca de alguma coisa para comer, mas que tenha um aspecto saudável, o que parece raro. Abro portas,

muitas sem nada dentro. Em outras, só o que encontro são louças e utensílios de cozinha. Assim como no chão, havia coisas quebradas e esparramadas. Por fim, localizo um vidro de pepinos em conserva, fechado, intocado. Não gosto de pepino, mas pela fome que estou me vejo obrigado a comer. Não sacio minha fome. Parece pior agora. É uma vontade de comer ainda maior, e cada vez mais específica.

Eu quero carne.

Saio da casa e vejo. Não apenas aquela casa estava de pernas pro ar, tudo ao seu redor também estava. Havia alguns carros com os vidros quebrados, placas de trânsito retorcidas, jardins estragados, muito lixo e pedaços de tudo quanto era coisa espalhados pelo chão. A destruição persiste até onde a vista alcança. Um cenário pós-apocalíptico. Uma guerra acabara de passar por ali e eu estava dormindo. Como não acordei com tudo isso acontecendo ao meu redor, só Deus sabe.

Além da constante dor de cabeça me incomodar, ouço os ganidos de um pastor alemão. Está latindo e rosnando para mim, mas está amarrado a uma barra de ferro, ao lado do seu canil. Eu vou até ele, devagar, da maneira que meu corpo obedece a minha cabeça. De repente, uma vontade surge na minha mente, e caminho mais decidido até o cão. Ele não para de rosnar e latir, fazendo cara feia. Chego tão perto dele e de uma maneira tão vagarosa que é impossível impedir que seus dentes afundem em minha perna e arranquem um bocado dela. Eu não sinto dor. Só fico mais decidido a fazer o que planejei. Não tem sangue escorrendo pela minha perna, mas eu não me preocupo com isso e seguro firme a cabeça e a mandíbula do animal. Minha dor de cabeça persiste e eu devo comer carne. Posso enxergar minha tíbia e, lutando contra as vontades do bicho, separo com força seu maxilar do crânio. Até que, enfim, arrebento a fuça do cachorro e o mato. Em seguida, acalmo minha vontade: mordo o cão e arranco um pedaço de seu lombo.

O sabor seria bom, não fossem os pelos. Aproveito e como um pouco mais do animal. Passo um tempo devorando o tecido muscular do bicho até chegar à conclusão de que não é aquilo que eu quero.

Não é suficiente. Não encerra minha fome. Só me deixa mais sedento de carne, com a cara lambuzada de sangue. Minha dor de cabeça não passou, continuo lento, inclusive para mastigar.

Levanto-me para procurar alguém que possa explicar o que aconteceu. Sei que a esperança é pouca, mas é só o que tenho. Tiro o sangue do meu rosto passando a manga da camisa sobre a boca e encaro a destruição. Os vidros dos prédios estão estilhaçados, portas arrombadas como se saqueadas, alguns carros estão virados. No chão, jazem aves mortas, e vez que outra encontro também animais de pequeno porte como gatos e ratos, uns vivos e outros não. Continuo caminhando por uns cinco quilômetros e não vejo pessoa alguma.

Estou em um ambiente que desesperaria qualquer um, mas eu não consigo parar de pensar na música sobre o fim do mundo, porque me sentia bem. Só queria entender o que aconteceu aqui e matar a minha fome, comer carne e terminar com essa dor na minha cabeça.

Depois de quase uma hora, ouço uns barulhos estranhos vindos de um mercadinho revirado. Vou até lá, irritado com meus movimentos lerdos, mas consigo ver que tem gente no lugar. São três. Dois caras e uma garota. Estão recolhendo coisas e colocando nas suas mochilas. É possível que estejam angariando suprimentos para sobreviver nessa devastação. Finalmente vou poder falar com alguém para tentar entender o que aconteceu por aqui.

Porém, quanto mais eu me aproximo da garota, mais eu a desejo. Eu quero sentir seus braços nos meus dentes. Melhor que entender essa situação seria mastigar um pedaço do corpo dela. A pele tão clara pede para ser dilacerada. O ar inocente implora para ser cessado. Esse é o sabor da carne que quero sentir. Como se fosse aquele bife malpassado, cheio de sangue. Quero saboreá-la tão lentamente quanto me arrasto pela cidade.

Eles estão de costas, não podem me ver ou escutar meus passos vagarosos. Quando perceberem minha presença, já terei engolido um

pedaço da garota. Toco o seu ombro, e ela retribui com um grito rouco, me empurra para trás e corre até seus amigos.

Um dos rapazes grita: “Cuidado! É um deles!”. O outro, arrancando um pedaço de ferro da prateleira com uma rapidez que para mim é extraordinária, avisa os amigos: “Eu dou um jeito nele, se afastem!”. Ele avança contra mim empunhando aquele pedaço de metal. Eu tento gritar: “Não!”, e o que sai da minha garganta são grunhidos e sons guturais.

Ele acerta o topo da minha cabeça com a arma improvisada, o lugar da fonte da dor. A dor é interrompida e perco o controle do corpo. Os três se afastam de mim e, antes de eu perder o discernimento e todos sentidos, ouço um dos caras dizer: “Agora ele está como deveria — morto em um corpo morto”.

Linguista

por Rodrigo Rosp

“I have no armour left. You’ve stripped it from me. Whatever is left of me — whatever is left of me — whatever I am — I’m yours.”

James Bond

E SCREVO, POIS É o que me resta. Apenas isso importa dizer agora; prefiro ser direto e contar de uma vez a história da mulher que mudou minha vida.

Eu a conheci em um sarau. Quando pus os olhos nos dela, vi mais que costumava ver. Usei a fala e a interpelei. Disse-me que estudava línguas mortas, em especial o latim. Percebi que éramos da mesma área. Assim como fiz com ela, apresento-me ao leitor: tenho 35 anos, ocupo-me dos estudos da língua. Dedico-me com afinco às minhas pesquisas. Passo os dias na universidade, lecionando e coordenando projetos. As noites tomo como extensão do dia: imerso nos livros. Meu contato com as mulheres, e tal informação ofereço apenas ao leitor, costumava ser inconstante. Quando alguma acendia meu interesse, o enfado não tardava a surgir. Os casos eram rápidos e superficiais. Eu culpava todas por não me trazerem o conteúdo fascinante que eu encontrava nos estudos da língua.

Entretanto, quando a conheci, no sarau, vi mais que costumava ver. Diana.

Nossos primeiros assuntos foram restritos aos aspectos teóricos. Discutimos as ideias dos nossos mestres; a língua fascinava ambos. Com o laço inicial formado, passamos aos aspectos pessoais. Nesse campo, eu tinha por hábito ser um tanto reservado. Media cada momento da troca para não correr o risco de dar mais que recebia.

Naquela noite, foi diferente. Com o incentivo do álcool e dos olhos grandes de Diana, abri todas as portas e a deixei entrar em meu âmago. Assim, tão fácil, ela já tinha mais de mim que qualquer outra jamais tivera.

Diana usava a força dos olhos grandes, quase externos, de brilho esmeraldino, para lançar-me um feitiço hipnótico. Eu poderia ficar estático diante de tais olhos até que ela me despertasse com estalar

de dedos. A mulher falava com voz doce, bem-sonante, nem grave ou aguda, apenas doce – eu sentia pitadas de glicose em seus decibéis. Ela usava um timbre médio, sem alterações, uma linha constante que não dava sobressaltos. Aumentava o efeito de hipnose. O rosto trazia uma sutil ambiguidade: ao mesmo tempo em que os traços eram finos, davam efeito de uma força, noção de comando. Domínio.

Diana me tocava de leve durante a conversa. Usava as pontas dos dedos como gotas de chuva em meus braços. Minha pele agradecia, hidratava-se. Era sinal de interesse mútuo a boa conversação que mantínhamos. A única forma de interrompê-la seria com uma outra funcionalidade dos lábios: o beijo. As línguas se entrosaram de todo. Não se largavam, lutavam, uma sobre a outra em alternância – sem vencedor. Foi um beijo gigantesco.

Assim passamos boa parte da madrugada: agradável encontro de bocas. As mesmas que combinaram atividade semelhante para a noite seguinte. No segundo encontro, as línguas despertaram o desejo de explorar muito mais que uma à outra, de desvendar texturas e relevos particulares – pescoço, peito, coxas. A minha percorreu uma pele branca com gosto de mulher. Sentiu o desenho do mamilo e desceu até o éden pantanoso. Lá, com movimento incessante, divertiu-se e gerou diversão. Meus ouvidos captavam o efeito do trabalho da língua. Os gemidos de Diana me davam ordem para continuar; até que um grito intenso me avisou que podia parar. Foi a vez da minha companheira botar a língua em ação e me proporcionar farta dose de prazer oral. Meu clímax enérgico foi amostra não-verbal de apreço pelo esforço dela. Ambos satisfeitos, juntamo-nos em abraço silencioso que trazia todas as palavras de amor. Nossas línguas, mais uma vez, uniram-se, traziam sabores um do outro e se trocavam em movimento interminável, coeso; novo beijo a durar mais que vários minutos.

Nas duas primeiras semanas, vimo-nos todas as noites. Deixamos de lado nossos estudos linguísticos e dedicamo-nos ao uso empírico da língua, a minha e a dela. Fundiam-se em uma só: não havia “eu” e “tu”, apenas “nós”. Passei a perceber que eu pouco sabia sobre a mulher com quem me relacionava. O corpo e a mente de Diana

desapareciam, e tudo se resumia à sua língua, fonte de expressão e prazer. O mesmo acontecia, posso deduzir, com ela em relação a mim. Não existia sujeito, apenas objeto. Línguas vivas em pessoas inertes.

Numa noite da semana seguinte, fui visitá-la de forma usual. Os encontros aconteciam sempre em sua casa. Entrei e, sem palavras, a beijei. Logo, meus sentidos acusaram algo estranho. Percebi Diana mais ansiosa. A língua movimentava-se frenética, inquieta. Eu esmerava-me, no beijo, para seguir tal ritmo, fazia esforço incrível com meus músculos, mas minha língua não era apta a acompanhá-la. Passamos a noite com os lábios juntos e, toda vez que eu tentava equilibrar o beijo, Diana era mais rápida, mais ágil. A língua dela parecia crescer dentro da minha boca e me envolvia o corpo todo num lamber sem fim.

Achei estranho o fato, mas procurei ignorá-lo. Não foi possível: na noite seguinte, o fenômeno se repetiu com maior intensidade. A língua de Diana tomou as rédeas. Fez, da minha, escrava. Cheguei à minha casa sentindo pequenos calafrios. Medo de perdê-la, de ficar sem a língua na qual estava viciado. Da cesta de frutas, peguei uma uva. Fiz movimentos, tentativa de treinar-me, de exercitar minha língua de forma a adquirir velocidade semelhante à de Diana. Foram vários minutos com a uva rodopiando em minha boca, meu desespero girando sem parar. Necessidade de estar à altura dela, daquele ritmo intenso, potência de fúria. Treinei por mais uma boa dose de tempo e julguei ter obtido êxito.

No dia seguinte, visitei Diana tomado de expectativa. Como era usual, não dispusemos de palavras. O encontrar dos olhos era comunicação para o passo seguinte: o beijo. Invadi sua boca com voracidade e mostrei-me mais ágil. Diana, no entanto, surpreendeu-me com um ritmo inesperado, movimentou a língua com força ainda maior que a minha. Domou-me, intransigente. Atirou-me na cama, despiu-me, montou em mim. Ela decidia a hora de aumentar e diminuir os movimentos do sexo. As posições variavam, sempre com ela por cima, no comando. Eu tentava surpreendê-la com minha língua, tocar-lhe os seios ou o pescoço. Ela me afastava. Atingiu o

clímax com a cabeça para trás, os cabelos ondulando, enorme vibração. Desceu de mim e dispôs da língua quente para me oferecer prazer semelhante ao que havia sentido. Saciou-me, sem me dar escolha. Gozei, pois assim ela determinou.

Após essa noite, inventei uma escusa para evitá-la. Não sabia como agir: nosso equilíbrio se havia extinguido. Ela tornara-se “eu”, eu era “tu”. Um “tu” que só existia criado pelo “eu”.

A apatia tomou conta de mim por algum tempo. Não atendia as ligações de Diana, era a única forma de evitar a submissão. A hombridade que ainda me habitava fez-me tomar uma decisão séria. Reuni as forças que me restavam e fui ter com Diana. Fui à casa dela e usei a língua, depois de muito tempo, para lhe falar. Com tom forte, mostrei-me resoluto e disse que era momento de interromper nossa relação. Já não me sentia mais motivado por ela.

Diana, para minha surpresa, aceitou meu pedido sem contra-argumentação. Estranhei, pois já havia aprendido que essa mulher era verbo transitivo indireto: jamais apresentava voz passiva. A língua dela, no entanto, foi indolente. Apenas pediu um último brinde, despedida. Pareceu proposta justa. Consentii. Ela trouxe os copos de champanhe e bebemos juntos de um só gole. As línguas experimentaram o álcool; a minha, no entanto, delatou uma dormência maior. Passei a sentir o corpo fraco, os olhos embaçaram. Havia sido dopado. Tonto e entorpecido, fui levado a uma sala em que jamais estivera, onde, em poucos segundos, fui amarrado a uma cadeira. Enquanto minha mente desvendava o recinto, vi Diana aproximar-se com reluzente navalha.

Fiquei estático no momento em que ela abriu minha boca e puxou a língua para fora. Eu deveria ter vontade de gritar, debater-me. Não tinha. Vi seus olhos cada vez mais saltados, para fora, intensos, completamente fora de órbita. Traziam prazer selvagem – prenunciado em nossos beijos – em segurar minha língua e, de leve, acariciá-la com a navalha gelada. Minha língua seguia imóvel em sua mão, eu respirava com dificuldade, alongava o olhar para

acompanhar a movimentação da lâmina, que dançava em vaivém dentro e fora da minha boca.

Não gritei no primeiro corte. Foi lento, angustiante. A navalha abriu minha língua de leve, verticalmente, rasgou-a fácil, feito navio singrando os mares. O sangue surgiu, e minha boca seca foi tomada de líquido espesso. A dor veio em pontadas. Maior, entretanto, era o desespero de ver Diana com o instrumento na mão, com os olhos sádicos de um carrasco, mas sem máscara, sem subterfúgio.

Diana continuava a segurar minha língua vermelha. Beijou-me a face, o pescoço. Apertou forte a navalha e voltou a dirigi-la à minha boca. Fechei os olhos, os abri. Não sabia o que era pior. A lâmina ia e vinha, fazia pequenos cortes, deixava vestígio de sangue. Minha mente se perdia, suplicando pela irrealidade. A dor aguda surgia, sumia. Minha angústia, jamais. Só aumentava ao ver Diana de posse da navalha, ensaiando devagar um movimento de corte seco, guilhotina.

Diana usou a mão esquerda para puxar minha língua com força. Tirou-a da boca tanto quanto foi possível. Com a direita, levantou a lâmina e paralisou. Focou os olhos na minha língua, com desejo, admiração, como fizera em tantas outras vezes. Prendi a respiração quando vi o metal gelado descer com fúria rápida. Senti minha carne se partir, meus músculos rasgados, inúteis. Sangue por toda parte e dor, dor, dor.

Diana deu um riso extasiado, rugido de prazer. Levantou-se e caminhou até um canto da sala. Sangrando em desespero, vi Diana depositar minha língua em um vidro cheio de líquido e colocá-lo numa prateleira repleta deles. Era mais um item para sua coleção de línguas mortas.

Cosmologia

ou de como uma simples coceira pode mudar a vida de alguém

por Marcelo Juchem

COMEÇOU TÍMIDA, uma coceirinha de nada. Enfiei a chave de casa no ouvido e girei como quem abre uma fechadura na própria cabeça. O metal frio fez com que eu me arrepiasse e a coceira naquele momento passou.

No outro dia, quando eu estava no escritório, voltou um pouco mais forte. Sem cotonete à mão, alcancei a tampa da minha caneta e fui introduzindo devagar. Aos poucos diminuía, mas de súbito voltava, e eu era obrigado a colocar toda a parte fina da tampa para dentro do ouvido, mexendo, girando, cutucando de leve o tímpano delicado. Esse ritual repetiu-se algumas vezes até acalmar a coceira interna. Só depois disso, pude voltar ao trabalho.

No banho, antes de dormir, lavei bem e deixei um pouco de água quente escorrer para dentro. Ao terminar, desliguei o chuveiro e peguei a toalha. Sequei com delicadeza e introduzi uma ponta da toalha no ouvido, mexendo lentamente para dentro e para fora. As cerdas felpudas faziam cócegas nas paredes do ouvido e eu ameacei um riso nervoso. O ar úmido deixava todo o ambiente quente e aconchegante, ao mesmo tempo em que eu relaxava meu corpo sentindo a toalha úmida entrando na minha cabeça.

A noite, porém, foi difícil. A qualquer desconforto, eu, automaticamente, levava o dedo ao ouvido e tentava introduzi-lo, sem sucesso, até a maldita coceira diminuir. A ponta da unha arranhava as paredes internas do ouvido e eu, com medo que sangrassem, dava tapas leves na frente e fechava os olhos querendo relaxar. Mas, se eu virava a cabeça para um lado, o incômodo no ouvido começava de novo. Então, eu me espreguiçava para esticar todos os músculos e convidá-los a dormir, deixava a cabeça quieta no travesseiro, fechava os olhos, respirava fundo e, antes do último pensamento acordado, a coceira voltava.

Pensei que um frio inexistente pudesse estar atrapalhando meu sono e me cobri. Fiquei quieto uns minutos, mas, ao primeiro movimento do meu corpo, sentia a coceira no ouvido de novo. Empurrei o lençol com os pés na esperança que o ar no meu corpo pudesse refrescar e acalmar. Em vão, pois em minutos a coceira incomodava outra vez. Decidi levantar. Tomei água, escutei duas músicas no rádio e, já com obrigação de dormir, voltei pro quarto querendo descansar. Na boca, muita saliva quente e doce, e, ao mesmo tempo em que eu enfiava o dedo no ouvido, apertava a língua contra o céu da boca, coçando ambos, como se alguma ligação houvesse. Sobre o lençol, me encolhi de olhos fechados e ouvidos atentos, viajando com o pensamento num quase-sono, até que a coceira voltou para tirar meu quase-sossego.

Comecei a cutucar mais e mais forte e a coceira não diminuía e eu coçava mais e mais e mais e mais e já estava de pé depois de me remexer bastante na cama e aquilo incomodava muito e parecia líquido e depois um pouco mais sólido e às vezes bem duro e às vezes meio pastoso, mas sempre coçando coçando coçando e estava doendo muito e eu ali tentando enfiar o dedo com os dentes cerrados o corpo teso dando tapas na cabeça e chacoalhando de um lado para outro e eu estava muito nervoso e meu dedo não entrava e eu só não gritei porque não tive forças naquele momento e a maldita coceira ali dentro e coçava coçava coçava e eu metendo o dedo até que encostei em algo.

Parecia plástico, mas não era. Nem vidro, nem papelão, nem madeira. Cutuquei um pouco mais e veio saindo uma coisa fina, que parecia sólida, mas, ao mesmo tempo, era flexível. Com muito esforço, consegui segurar usando os dedos como uma pinça e fui puxando pra fora. Aí já não era mais a coceira que atrapalhava.

Aos poucos, eu comecei a sentir dor. Muita dor. Alguma coisa dentro do meu ouvido estava emperrada, e eu forçava para que saísse lá de dentro, sem saber do que se tratava. Mesmo com a dor forte, eu continuava a puxar, meio assustado, meio curioso. A coisa continuou saindo, e eu sentia as paredes internas da minha cabeça pressionarem umas às outras, como se no outro segundo fossem

estourar com tudo o que estivesse dentro, e também por isso doía. Quis ir ao banheiro para ver pelo espelho o que estava saindo, mas não tive forças. A dor me consumia e eu continuei no quarto, puxando e sofrendo, curiosidade e medo, agonia e dor.

Quando senti algo mais fofo, meio mole, eu me assustei. Tentei enfiar de volta, mas, fosse o que fosse, estava emperrado dentro do meu ouvido. Insisti apertando com o indicador e empurrando a cabeça no sentido contrário, sem estocadas rápidas e fortes, mas não funcionou. Não tive escolha. Segurei firme com os dedos e puxei forte. Do meu ouvido, de dentro da minha cabeça, saiu algo em forma de bastão, mais grosso que uma caneta e com uns dez centímetros de comprimento.

Emputei! Já estava havia minutos nessa função e a dor era muito forte. Fechei a mão em volta do tal bastão, apertei com toda a força ao mesmo tempo em que puxava pra fora da cabeça e gritei arregalando os olhos quando percebi que aquilo que eu pensara ser um bastão era na verdade um dedo.

Naquele momento, saía uma mão de dentro da minha cabeça. Uma mão de gente, mão de verdade, mão que saía de mim e eu não podia deixar presa no meu ouvido.

O susto pela mão era tão grande quanto a curiosidade em descobrir o que estava acontecendo. Ainda maior, porém, era o misto de dor e medo que eu sentia, mas precisava continuar puxando aquela mão quente e fofa de dentro do meu ouvido para fora de mim.

A mão continuou saindo e depois dela veio um braço e eu com muita dor e a mão viva se mexendo e o braço também e eu ali puxando tudo aquilo e saiu um ombro e continuei nesse esforço todo e quando veio a cabeça eu fechei os olhos e gritei muito porque estava doendo bastante e quando dói assim eu grito e fecho os olhos e a cabeça saiu dum jeito que pensei que eu ia explodir e logo depois veio o outro ombro e um tronco e também consegui ver um umbigo e logo atrás vieram duas pernas seguidas por dois pés que ao saírem quase estouraram meu crânio e quando eu menos esperava olhei para o lado e eu estava ali.

Eu do meu lado.

Um outro eu.

Eu me encarando.

Foi então que senti uma coceira no outro ouvido.

Os internos

por Gustavo Faraon

“Lisonjeava-me que o professor me iniciasse em seus segredos profissionais, mas não disse nada, antes concentrei-me inteiramente na dor causada pelos dois parafusos com que o torniquete de parafuso estava fixado ao meu maxilar.”

Hans-Ulrich Treichel, *O Perdido*

É ÓBVIO QUE tenho certeza de que aquele lugar existe. Tenho tanta certeza que me dá até raiva de explicar. Aquele lugar existe simplesmente porque há tempos eu estudo lá. Fica numa travessa que liga duas ruas esquecidas da Zona Norte de Porto Alegre, bem em frente a um condomínio com muro alto e cerca eletrificada. Não falo do colégio em si; o que eu quero dizer é que existe um outro lugar dentro desse mesmo colégio, um lugar muito diferente daquilo que ele é durante o dia. Sei que as pessoas costumam acreditar que os colégios funcionam apenas durante o dia e não há nada neles à noite a não ser colégios fechados. Mas isso é o que elas pensam.

Foi bem nesse lugar que muitos não acreditam existir que, em um dia comum de final de ano, quando todos mal podiam esperar pelas férias de verão, aconteceu o que eu vou contar. Tudo andava normal: a campainha tocou no mesmo horário das seis horas da tarde, guardei meu caderno e estojo dentro da mochila e fui para o portão do colégio esperar que me buscassem. Como sempre acontecia, quase todos os alunos já haviam ido embora, e eu continuava lá no portão, ao lado do guarda, esperando a minha mãe. Aos poucos, um por um, os últimos alunos se mandavam. Eram umas sete da noite quando dois irmãos da sétima série que esperavam escorados em uma mureta também se foram, me tornando oficialmente o último a ir embora do colégio.

Odeio ficar sozinho com alguém que não conheço. Cruzei os braços e fiquei ouvindo o guarda assoviar uma música. Olhávamos os dois para a rua na esperança de que o carro da minha mãe aparecesse logo. Não desviei o olhar dos paralelepípedos por um

segundo sequer, temendo um início de conversa com o guarda. Mesmo assim, quando cansou de assoviar, o guarda disse:

— Tua mãe costuma se atrasar, né?

Fiz que sim com a cabeça só pra não ter que explicar. Resolvi ir ao banheiro para escapar daquela conversa toda, então avisei o guarda. Antes que eu fosse, porém, ele me deteve com a explicação de que, àquela hora, os banheiros já estariam todos trancados. Fiquei parado na frente dele sem dizer nada, com as duas mãos no meio das pernas, até que ele me mandou usar o banheiro do primeiro andar, junto à sala dos professores, no outro extremo do prédio. Deixei a mochila ali e me fui.

Quando voltava do banheiro, fui surpreendido por uma mulher no meio do caminho. Apesar do susto, cumprimentei-a com um sinal de cabeça e segui caminhando em direção à saída. Ela, no entanto, me parou com um monte de perguntas sobre a minha série e sobre o que eu estava fazendo ali. Quando respondi, dois homenzarrões surgiram de trás dela e me seguraram. Agarrado pelos braços, fui levado até os fundos do colégio, que até então eu conhecia apenas como “área da pré-escola”. Era uma parte dividida do restante do prédio por uma murada, que só tinha acesso através de uma passagem por dentro da sala dos professores. Depois de abrirem a grade interna da sala, que dividia as duas partes do colégio, a mulher apontou para uma porta vermelha e ordenou que eu entrasse. Foi quando eu descobri duas coisas: 1) aquela área não era da pré-escola e 2) eu não era o último aluno a ir embora naquela noite.

Havia quatro filas de cadeiras, mas nenhum quadro negro naquela sala. As janelas tinham as cortinas cerradas de modo que pouca ou nenhuma luz passava através delas. Além de mim, mais uns seis alunos estavam lá. No canto próximo à porta, havia uma garota estendida sobre uma maca daquelas usadas para dar os primeiros socorros às pessoas acidentadas. Ela choramingava de uma maneira estranha, sem mexer a boca, soltando um ruído contínuo do peito ou até da cabeça. Não parecia consciente. Sem saber o que fazer, escolhi uma cadeira vazia e me sentei.

Não demorou nada e duas mulheres que pareciam enfermeiras, trajando calças de algodão, camisas brancas sem gola colocadas pra dentro das calças e cabelos presos em rabos-de-cavalo, entraram sem bater na porta. Elas se comportavam como se não tivessem nos visto. Eu não sabia quem eram e o que faziam ali, mas daquelas mulheres emanava uma autoridade natural; falavam baixo e jamais repetiam nada. Tinham vozes mais grossas que o normal para mulheres. Sobre as bandejas de metal que carregavam, pude ver seringas e nacos de algodão espalhados, além de tiras compridas de borracha de soro. Uma das enfermeiras, a mais alta, prendia sob a axila uma prancheta com umas folhas pregadas. Depois de olhar para aquela prancheta por um momento, vi que se tratava de uma listagem. Uma delas disse:

— Vamos fazer uns exames. São exames-surpresa.

Estranhamente, todos pareciam estar esperando por aquele exame. Quanto a mim, não desconfiava de nada, mas mesmo assim achei melhor não fazer qualquer pergunta. Àquela altura, me submeter a eles parecia inevitável. Uma das enfermeiras foi até a moça deitada, apoiou a bandeja sobre a borda da maca e puxou o braço esquerdo dela. Enquanto via a enfermeira amarrá-lo com uma tira de borracha de soro, meu próprio braço foi agarrado. Senti uma picada forte seguida de uma ardência. Depois, veio uma fraqueza quando vi uma porção de sangue preto enchendo a ampola de vidro. Fiquei nauseado até que não pude segurar a ânsia e vomitei sobre meu próprio colo, respingando no meu braço atado, no avental da enfermeira e na listagem de nomes que ela carregava. Quando finalmente retirou a seringa do meu braço, ela não usou nenhum dos nacos de algodão para aparar o ferimento por causa da sujeira. Um ponto de sangue cresceu advindo do furo minúsculo coberto pelo caldo amarelado até virar uma gota. Ele escorreu e formou um filete espesso que se misturou ao vômito antes de pingar no piso frio do chão.

Acordei com a garganta ácida, e percebi que já era noite alta quando fomos levados ao pátio interno dos fundos do colégio. Era cercado por um muro altíssimo em formato circular, que dava ao

espaço um aspecto de poço gigantesco. No meio daquela área mal-iluminada, sob um coreto baixo de madeira, um grupo de enfermeiras reunia as pessoas para o que parecia ser algum tipo de comunicado. Alunos iam surgindo como ratos, vindos de todos os cantos. Debaixo do coreto, uma mulher vestindo um saiote negro até o chão e com os cabelos presos por um coque trazia consigo a prancheta em que meu vômito respingara antes. O momento parecia importante. Um grupo de uns cem alunos se espremia em silêncio em torno do coreto. Sem se importar com a movimentação que ainda havia no pátio, a mulher de saiote negro limpou a garganta com um pigarro e começou a falar:

— Aqueles que foram reprovados no exame e que, portanto, necessitam de assistência intensiva imediata, permanecendo sob nosso acompanhamento na condição de internos enquanto durar a recuperação, em ordem alfabética são — fez uma pausa para respirar e depois reiniciou em alto volume a leitura dos nomes contidos na listagem — Amanda Raquel Mazenda, Ana Carolina Porto de Medeiros, Beatriz Lins Bueno, Bruno Xavier Zago, Carlos Nilo Paiva, Caroline Signore Terra, Cláudio Neves Shubert...

À medida que a lista ia sendo revelada, dava para ouvir alguns soluços ao fundo. Pessoas começavam a chorar, tapando o rosto com as mãos. Outras olhavam para os lados após o anúncio de cada nome, como que à procura de seu dono. Por fim, quando a leitura terminou, a mulher de saiote negro avisou que aqueles alunos que quisessem conferir o resultado preciso do exame deveriam se aproximar para fazer um pedido de consulta à planilha. Uma grande fila se formou. Enquanto algumas pessoas choramingavam com discrição, outras cochichavam baixinho umas ao ouvido das outras, comentando algum nome inesperado que havia aparecido. Como bem se podia entender, aqueles que foram reprovados no exame não se deram ao trabalho de entrar na fila para saber o resultado preciso e, dessa forma, só de olhar para o pátio dava para saber quem eram os reprovados.

Depois de poucos minutos na fila — a fila andou rápido e muito ordenada —, chegou a minha vez. Não havia ninguém declamando os

resultados dos exames. Em vez disso, a coisa funcionava assim: o aluno dizia o nome para uma enfermeira; esta enfermeira então o encaminhava para uma das cinco enfermeiras com cópias da lista; estas, então, procuravam a folha correta e mostravam para o aluno. Na verdade, cada um tinha apenas poucos segundos para olhar a planilha, e o que eu pude mesmo ver ao lado do meu nome foi um código assim: 85794238529.

Enquanto eu esperava para olhar aqueles quadrados, sem que eu percebesse, uma outra fila foi formada junto ao muro. Eram os reprovados, que compunham um meio-círculo ao redor do pátio. Assim que todos olharam seus resultados, as enfermeiras com as cópias da lista deram lugar a quatro novas enfermeiras que traziam até o coreto uma banquetta cada uma. À medida que eu e os demais aprovados no exame fomos sendo retirados do pátio, os reprovados eram chamados na ordem da fila a se sentarem nas banquettas. Empunhando máquinas elétricas, tesouras e navalhas, as enfermeiras tosavam e depois aparavam ao máximo os cabelos dos alunos que haviam falhado no exame. Por último, com a ajuda de sabão e água quente, raspavam com força até que não restasse nenhum fio. Em seguida, um homem de óculos que carregava outra prancheta ia até o aluno já careca e, em sua cabeça, fazia algumas marcações com uma caneta piloto, tais como pontos, sinais em xis e linhas tracejadas.

Já a caminho da saída, quando éramos guiados em fila pelos corredores, cruzamos com pessoas vestidas de maneira muito estranha: uniformes de algodão branco sob aventais brancos de borracha, além de luvas e máscaras do mesmo material. Cada uma daquelas pessoas carregava consigo uma maleta de plástico bem comum, daquelas que podem ser utilizadas por médicos, pescadores ou operários. As maletas pareciam estar pesadas, mas de fato era impossível saber o que havia ali dentro. O máximo que consegui foi ouvir o barulho de metal sacudindo e se batendo dentro delas.

Ao atravessar de volta a porta que dividia o colégio, fui cegado pela luz do dia que entrava pelas janelas sem cortina. Os inspetores mandavam os alunos para dentro das salas e carros buzonavam em

frente ao colégio como em um dia letivo qualquer. As garotas carregavam novamente os livros junto ao peito e sacudiam os cabelos, os atrasados corriam, a tia da portaria batia palmas para apressá-los como sempre.

Aquilo tudo e, então, a aula simplesmente estava por recomeçar?

O sinal tocou e eu fiquei ali parado bem onde estava. Enquanto analisava tudo com o máximo cuidado, percebi que estava novamente com minha mochila nas costas. Fiquei incrível. Passado o eco da campainha que ainda restava dentro dos meus ouvidos, fui para a aula, escutando o barulho que vinha do outro lado do colégio. Fora como um déjà vu. As marteladas, os sons de ferro se chocando e as serras tinindo eu não saberia explicar. Mas os gritos de desespero e o choro, eu sei, não eram de crianças da pré-escola.

Dias de fome, noites de cão

por Sergio Napp

ELE NÃO SABIA do cachorro. Estava com fome, muita fome. Fome de catar comida no lixo das casas. Às vezes, passava mal. Duas ou três vezes, desmaiara. Não havia alternativas. Chegara do interior, onde deixara a família, para tentar a sorte. Que não viera junto.

O pouco dinheiro que trouxera perdera com uma dessas mulheres que apanham esses homens sem rumo em ruas quaisquer. A mulher, pelo menos, era das boas. Divertiu-se. Depois o roubo, a reclamação, os gritos, e os homens que ela chamara para que a defendessem. Apanhou um bocado. Perdeu um dente, e a dor que sentiu no peito indicava uma costela quebrada. Que haveria de soldar-se. Tudo se arranja com o tempo, refletia o homem. Menos a fome que o obrigava a comer lixo. Se ainda pudesse voltar para casa.

A casa ficava no final de uma rua sem saída. Sólida. Dois pavimentos. Cercada por muros altos cobertos de hera. A gente que morava ali não passava fome, com certeza. Sobrava-lhes mais que o suficiente.

Aproximava-se à noitinha com cuidados para não ser visto. As casas daquela rua possuíam pátios enormes, portanto restavam um tanto quanto isoladas. O que se tornava interessante. Observava os horários de saída e entrada das casas vizinhas.

Não percebera movimento maior na casa. Como se estivesse quase abandonada. Só as luzes. Que se acendiam pouco depois que ele chegava. As mesmas luzes que acabaram por intrigá-lo. Percebeu. Com o passar dos dias, era sempre menor o número de lâmpadas acesas. Até restar uma. E, dias depois, nenhuma. Teriam viajado? Ninguém estaria protegendo a casa? Não notara nenhuma atitude diferente nos últimos dias que indicasse o abandono da casa por parte de seus proprietários. Sequer marcas de pneu sinalizavam algum movimento.

Aguardou alguns dias e, como a situação não se modificasse, decidiu.

Entrar pelo portão principal não era conveniente. Procurou um local mais protegido que o afastasse dos possíveis olhares da vizinhança. Com esforço, agarrando-se nas heras, escalou o muro. Sentado no alto, observou, com cuidado, o que os olhos podiam ver. Absoluto silêncio. Nenhum sinal de luz na casa. As árvores, em movimentos discretos devido ao pouco vento, inundavam-se de luz graças à lua.

Procurou alguma árvore próxima ao muro que o auxiliasse na descida. Nenhuma. Resolveu pular. Caiu de mau jeito. Machucou a perna esquerda. Algo lhe despertou a atenção. Como se estivesse sendo observado. Um ressonar leve. Um barulho de folhas amassadas. Olhou atentamente em todas as direções. Alguns passos em direção a uma árvore. Nada. Mancando, aproximou-se da casa. A porta estava apenas encostada. Empurrou-a. Entrou em meio à completa escuridão. Tateando, buscou um interruptor.

Estupefato, olhava a sala. Havia um odor que não distinguia. Não era de mofo ou de casa fechada. Talvez... Mas ele não podia acreditar. Os móveis encontravam-se derrubados. Uma quantidade de vasos, copos e pratos quebrados e tapetes fora do lugar. Como se tivesse havido uma luta feroz e alguém, tentando escapar de alguma ameaça iminente, fora derrubando tudo ao seu redor para se proteger. E, em desespero, acabara por quebrar o que se punha ao alcance. Ninguém na sala. Nenhum som. No interruptor, manchas de sangue. E os ossos. Ossos de todos os tamanhos e em quantidade. Limpos. Como se houvessem sido lavados. Ou, então, descarnados até o que o último resquício de carne desaparecesse. Meus Deus!, o homem pensou atônito, são ossos...

Não conseguiu completar o pensamento. Um ruído o fez voltar-se. Um grito de pavor travou-se na garganta.

O cão era enorme. Negro. Pelo curto, lustroso. Nele, se distinguiam os olhos, claros e frios. E as mandíbulas. O cão vigiava como se ao homem coubesse a iniciativa. E nessa expectativa,

cuidaram-se por alguns segundos. O homem arfava, o cão não se movia. Embora mancasse, correu para a escada e procurou subi-la o mais rapidamente possível. O cão, sem pressa, o acompanhava.

Ao abrir a primeira porta encontrada, cambaleou. O fedor de podridão entrou por suas narinas, por sua boca, por seus poros. Encharcou-o por inteiro. Sentiu náusea. O vômito chegou-lhe à boca. Cambaleou. Ajoelhou-se e baixou a cabeça, encostando-a no chão. Ao se recobrar minimamente, viu sobre a cama um resto de corpo do qual não mais se distinguia o sexo tal a putrefação. Faltavam-lhe pedaços, sobravam-lhe ossos. O sangue, coagulado, espalhava-se pelos lençóis, pelo piso, sob os seus pés. Aterrorizado, virou-se para trancar a porta. Tarde demais.

Terminada a tarefa, o cão, placidamente, desce, degrau por degrau, e chega à sala. Fareja os ossos espalhados até se decidir por um deles. Abocanha-o e volta para o seu lugar. Aninha-se sobre as folhas, debaixo da árvore copada, segura o osso com as patas e o rói. Satisfeito, larga um suspiro e encaixa a cabeça entre as patas. À espera.

O homem dos ratos

por Rafael Spinelli

“Seu amor – ou, antes, seu ódio – era, em verdade, subjugador; foram precisamente eles que criaram os pensamentos obsessivos, cuja origem ele não era capaz de compreender e contra os quais lutou em vão para se defender.”

Sigmund Freud

NÃO VOU CONTAR a história de Carlos desde o princípio. Apesar de alguns especialistas dizerem que reside nos primórdios da sua vida o núcleo de todos os problemas futuros, não vou me ater a esta parte. Vou começar a contar a história quando a doença iniciou, ou, na verdade, quando já estava desenvolvida, mas passou a ser percebida por todos.

Carlos parecia ser um homem comum, tinha algum dinheiro de família e uma vida saudável. Ainda jovem, conheceu Marta, uma menina não muito bonita que morava perto de sua casa. Logo namoraram, noivaram e casaram, tudo sem perturbações ou problemas maiores dos que enfrentam outros casais.

Porém, no dia do casamento com Marta, os pais de Carlos sofreram um acidente e morreram e dizem que foram estes acontecimentos que deflagraram a doença de Carlos, ou um, ou outro, ou até mesmo ambos. Ele demonstrou uma grande tristeza com o acontecido. Após alguns dias, decidiram mudar para onde Carlos morava com os pais. Era uma casa grande, com aposentos espaçosos. O pátio era amplo e, segundo Carlos, “cabia muita coisa naquele terreno.”

Como disse, foi neste momento que a doença começou a surgir, mas sem lhe causar preocupações ou maiores constrangimentos. Carlos, aos poucos, passou a não querer se desfazer de pertences antigos, como roupas e sapatos velhos ou papéis sem serventia. Isto, todavia, não incomodava Marta, pois a vida deles como casal era ótima.

Carlos, entretanto, foi piorando e começou a guardar em casa potes de xampus, tubos de pasta de dente, escovas antigas e outros objetos de higiene, e foi neste momento que sua doença foi

percebida. Carlos entrava no banheiro e lá ficava por horas. Não falava com ninguém e não respondia aos chamados da mulher. Depois, se ouvia a descarga, e ele saía, com um olhar distante e muito triste. Sua mulher, por vezes, o perguntou a respeito do que estava acontecendo, mas ele nunca respondeu, aparentava estar de fato abatido e vazio, alguma coisa parecia ter sido tirada dele.

Levaram-no a especialistas, vários, e cada um dava um diagnóstico diferente. Um deles disse para proibirem-no de entrar no banheiro, outro disse que se tratava de algo passageiro e outro, ainda, que era um problema decorrente de sua infância, e da demissão de sua babá, quando este tinha por volta de três anos. O fato é que nenhum tratamento funcionou, até porque Carlos não saía mais de casa e evitava ter contato com outras pessoas, a não ser com Marta, a qual fazia questão de ter sempre por perto. Ela gostava disso, gostava da necessidade dele de tê-la sempre por perto, se sentia amada, se sentia necessária. Amava ele também, amava ele por tudo que ele era e passava por cima de sua doença como se esta fosse apenas um pequeno defeito que pertence à personalidade de qualquer um.

Os meses se passavam, e a doença de Carlos piorava cada vez mais. Ele começou a guardar todo o lixo que era produzido em casa. Sacos se acumulavam na garagem. Aos poucos, tomaram conta da sala de jantar. O cheiro se tornou insuportável e animais surgiram na casa. Ratos e baratas eram constantes, e quando Marta matava um desses bichos, ele fazia questão de protegê-los, de modo a não permitir que ela os jogasse fora. Assim, eles apodreciam dentro da casa, onde quer que estivessem, colaborando ainda mais para o cheiro insuportável.

O local estava inabitável, não havia lugar para se acomodar e algumas portas não podiam mais ser fechadas ou abertas, uma vez que as pilhas de lixo ocupavam toda a casa. Montanhas saíam pelas janelas e, do lado de dentro, um estreito corredor formado por uma aglomeração dessas “coisas” malcheirosas construía uma estreita trilha, por onde ainda se podia chegar ao quarto, à cozinha e aos banheiros. Isto, contudo, de nada adiantava, uma vez que estes

apostos não tinham mais muita utilidade nem espaço para suas funções. Além disso, as portas haviam sido obstruídas e não era mais possível entrar ou sair.

A vida de Marta se tornou insuportável. O ar dentro dos aposentos era quente e fedorento. Marta, por instantes, tentava prender a respiração para não sentir aquele cheiro, mas, momentos depois, tinha que respirar e o fazia com força para recuperar novamente o ar. Então, sentia o cheiro forte e azedo, passava mal, ficava enjoada e vomitava. Apesar disso, ela não conseguia ir embora. Amava Carlos e gostava de estar com ele. Mas como era terrível amar alguém que não a respeitava, que a fazia morar em um lugar como aquele! Ela passava os dias chorando, tentando buscar coragem para ir embora, mas não conseguia: seu amor por ele era maior do que o amor por ela mesma.

Carlos já não tomava banho fazia meses e se justificava dizendo que não poderia deixar a água escorrer pelo ralo (mesmo este já estando há muito obstruído) e ainda que a água, passando em seu corpo, tiraria dele sua pele, alguns pelos e os animais microscópicos que lá viviam. Eu não posso me desfazer disto, dizia ele com sinceridade. Ou, quando Marta tentava jogar algo fora – você não pode tirar isso de mim, gritava angustiado. De fato não podia, sua doença não deixava. Essas frases eram repetidas dezenas, centenas, milhares de vezes durante um dia e Marta já não aguentava mais.

Certo dia, ela precisou ir ao banheiro, mas como o do seu quarto estava obstruído pelas “coisas”, ela teve que ir ao outro, que ficava no final do corredor e só era utilizado por ele. Ao abrir a porta do banheiro, ainda com extrema dificuldade, sentindo que algo impedia seu movimento, Marta viu uma montanha malcheirosa de fezes e urina que ocupava todo o ambiente. Devia fazer meses que seu marido guardava seus excrementos naquele banheiro. Marta ficou tonta, nauseada, perdeu as forças, desmaiou e foi acudida por Carlos.

Ela acordou deitada sobre alguns sacos de lixo pretos, no meio da sala de estar. Estava furiosa, não entendia como seu marido podia fazer aquilo com ela, e muito menos com ele mesmo. Eles

brigaram. Ela disse que ele tinha que jogar tudo fora senão ela mesma o faria. Eu não posso me desfazer disto, dizia ele, e você não pode tirar isso de mim! Marta não entendia. Esse monte de sujeira, esse monte de lixo, restos de comida e esta montanha de merda? – questionava ela. Mas isso tudo é seu, é tudo para você, são meus presentes para você, respondia Carlos chateado com a incompreensão da mulher. No fundo, sabia que não era verdade, ou em parte não era verdade. Sabia que muito além de um presente para ela, aquilo era um presente para ele mesmo, reter tudo aquilo era, antes de tudo, um presente para si mesmo. Mas isso é sujeira, é lixo, é merda – repetia ela – é sujeira, é lixo, é merda...

Carlos ficou embravecido, e sua irritação se tornou cada vez maior e mais incontrolável. “Sujeira, lixo, merda...” essas palavras ressoavam na cabeça de Carlos e já não faziam mais sentido, apenas se repetiam, iam e vinham, já sem significado. “Suj, Lix, Mer, Suj, Lix, Mer...” as palavras rodavam em sua cabeça. “S, L, M, S, L, M, S, L, M...” Marta falava sem parar, mas as palavras não chegavam mais à consciência de Carlos, ele não estava conectado com a realidade, ou com as palavras de Marta. “S, L, M, S, L, M, S, L, M...” as letras se repetiam em sua mente e Marta continuava e gesticular e a mexer os lábios, mas nada penetrava nos pensamentos de Carlos. Isso não é Sujeira, isso não é Lixo, isso não é Merda – repetia ele enquanto olhava o caos em que havia se transformado a residência do casal.

Então, de repente, a sua mente se abriu para uma frase de Marta, a qual era mais importante do que qualquer outra: chega, vou embora!, gritou ela enfurecida. A irritação de Carlos tomou proporções gigantescas e mesclou-se com um pavor imenso, que cresceu e tomou conta dele, de sua mente, de seus atos. “Sujeira, Lixo, Merda, Ir Embora”. Não, ela não poderia ir embora! Carlos investiu com rapidez contra Marta, agarrou-a pelo pescoço e apertou forte por alguns instantes. Para Carlos pareceu apenas um segundo, pois na sua mente não passava o tempo, apenas pensamentos e as palavras de Marta “S, L, M, S, L, M, S, L, M...”. Ir embora! Embora! “S, L, M, I, E, S, L, M, I, E, S, L, M, I, E, S, L, M, I, E...”. Já para Marta aquele momento deve ter durado uma eternidade.

Marta caiu no chão sem vida. Carlos sentiu um alívio intenso, pegou o corpo da mulher e jogou em cima da montanha de “coisas”. Como “ir embora”? – pensou ele. Eu não poderia me desfazer disto e você não pode tirar isso de mim.

Tempestade em Coney Island

por Rafael Kasper

O SR. HAMMAM FIELDS é um militar reformado e vive com sua esposa, a Sra. Fields, num antigo apartamento em Coney Island, Brooklyn.

— Hammam querido, olhe como as nuvens estão carregadas.

Hammam assentiu com a cabeça, disse que a chuva viria em boa hora. Os dois olhavam pela varanda aberta como sempre faziam nos fins de tarde. De Coney Island, via-se pouco, mas o suficiente. Uma escura porção do Atlântico que, nos dias de vento como aquele, formava pequenas rugas de espuma branca, e as ondas inquietas se assemelhavam a barbatanas de tubarão. Na baixa silhueta dos prédios, viam-se janelas sempre velhas, tijolos escuros e letreiros apagados pelos ventos ou pelo descaso. Um cotovelo da Cyclone Roller-Coaster e mais da metade da Wonder Wheel surgiam de um ponto da Jones Walk encoberto pelos prédios centrais. O parque estava desativado havia cinco meses.

Hammam foi até a cristaleira e aumentou o volume do rádio. As trovoadas e rajadas de vento estão mais intensas no início de Manhattan Beach e em quase toda extensão da praia de Brighton. Preparem o espírito, caros ouvintes, aí vem uma bela tempestade. Hammam caminhou até a cozinha e buscou na geladeira uma garrafa de Duff.

— Clara, eu realmente não entendo essa sua mania de ler receitas.

— Ora, querido, esta revista traz ótimas dicas.

— Em compensação, você sempre faz a mesma droga de pastéis.

— Oh, querido, não seja brusco, sabe que faço o melhor que posso.

Hammam sentou de volta, agora o rádio suficientemente alto para encher a sala. O locutor continuava com os maus presságios. O vento batia nas persianas e fazia um ruído fino e prolongado. A escuridão abarcara-se no céu e, em contraste, relâmpagos eventuais

punham o horizonte em branco chapado. De tanto que se debatiam, as bandeirolas do topo da Cyclone Roller-Coaster ameaçavam voar Massachussets adentro.

Uma chuva pontiaguda passou a entrar pela varanda. Clara se levantou para encostar uma das portas de vidro.

— Querido, preciso que me ajude. Não quero que esta chuva o deixe encharcado.

A eletricidade caíra em parte do Brooklyn e, a partir de Coney Island, era possível avistar o grande vulto negro que se espichava ao oeste pelas regiões sem luz. Todo e qualquer vestígio iluminado parecia encoberto, e ninguém estranharia se naquele lado a névoa escura sorvesse os edifícios, as pontes, as pessoas que ainda estavam na rua. Ao leste, o Atlântico em sobressaltos. As cristas de espuma branca cederam lugar a espessos blocos de água cinza, que se entrecortavam como pesadas lâminas de chumbo líquido. As lâmpadas, as poucas e pálidas lâmpadas de Coney Island piscavam em caos, num prenúncio de que logo o bairro também ficaria sem energia.

O rádio chiava, parecia percorrer o tuner por conta própria, buscando uma nova estação sem chegar, sem encontrar voz, canção, sequer um som familiar – e não havia ninguém perto do aparelho. Clara punha na ponta dos dedos e na palma da mão a aflição, quase rasgava as páginas da revista, sentia suas artérias engasgadas de vertigens. Sua boca fina e enrugada pôs-se seca, e os miúdos olhos contorciam-se buscando algo que lhes oferecesse confiança. Estrondos de todos os lados, de perto e longe: explodiam trovoadas, grandes e pesadas massas de ferro pareciam despencar, vidros estilhaçavam. O rádio parou de chiar, emitia um sinal agudo, contínuo, como o grito de uma ave silvestre antes de ser abatida. As fotografias na parede convulsionavam-se involuntariamente, e quando as esparsas rajadas dos relâmpagos iluminavam a parede, viam-se as condecorações militares penduradas, tortas, trêmulas, prestes a despencar, e o retrato dos Marines do Brooklyn de 57, o quadro da família em piquenique no Queens, a foto do casal quando

jovem, em Birston Lake, Oklahoma. Hammam estava sóbrio, sentado, observando a insurreição do clima.

— Hammam querido, fale algo. Estou ficando nervosa.

Hammam buscou do chão a garrafa de Duff, deu um último gole e avisou que iria atrás de mais cerveja. A luz acabara fazia uns poucos minutos, e ele levaria consigo uma lanterna e um abrigo de chuva.

Clara decidiu girar sua poltrona para o interior da sala, dando as costas ao temporal. Coberta e agarrada à colcha de lã, ela comprimia as mãos, cerrava os olhos e sussurrava pelos cantos dos lábios uma prece de ajuda. Os vidros oscilavam epileticamente: para dentro, para fora, forçados pelo turbilhão de raios, ventos escuros e a chuva que caía em pesados filetes. Clara fechava os olhos e via um vácuo negro, abria-os e via tudo à volta, mas por frações de segundos, quando os relâmpagos davam a luz escassa, luz de chumbo, e os retratos na parede, e os retratos em que Hammam estava sozinho, como aquele no barco de pesca, sua expressão alegremente perversa. Oh, por que Hammam decidira buscar cervejas justo agora? Decerto ele ficará doente nessa tempestade, isso se não sofrer alguma injúria. Clara começou a chorar baixo, por que Hammam era assim, afinal? Decidiu tornar o corpo para trás, talvez visse Hammam voltando para casa, explodiu outra bomba de luz no horizonte, e justo na hora em que virava o pescoço, sem querer, pois Clara não queria nada mais do que Hammam a seu lado — sem querer ela avistou no topo da Cyclone Roller-Coaster, agarrado a uma bandeirola verde, como em pesadelos, vestindo uma estranha farda de capitão da marinha francesa, com um toco de madeira no lugar do braço direito, o chapéu em retalhos, uma bainha de espada atravessada no peito, lá em cima, no cume da montanha-russa, nítido, não era assombração, um homem do qual só se viam os olhos, o rosto todo escuro, a mão esquerda deformada e um par de botinas brancas. O homem olhava para ela. Clara virou-se, oh, não poderia ser, bem agora que Hammam não estava a seu lado, ela vendo uma coisa daquelas, devia ser a idade, e pôs-se a chorar sussurrando um pouco de desespero.

No interior do apartamento, a parede em nacos de luz, listrando em fosco e escuro o sofá, a cristaleira, o rádio, os diversos retratos que, tremendo, pouco a pouco foram despencando, despedaçando-se, um a um, até sobrar um último, que não balançava e ficou só e único na parede: o retrato de Hammam na pescaria, sorrindo, sorrindo, mas os lábios contornados com uma ironia perversa, o olhar malicioso, nunca tinha percebido Hammam assim. Clara abraçou-se, pôs a lã no rosto, mas era melhor tentar ver, assim estaria prevenida. O turbilhão sonoro. O rádio apitando como ave silvestre. As vidraças dobrando-se, histéricas. Trovoadas. As lâminas de chumbo debatendo-se no mar. As bandeiras voando. O capitão francês de rosto apagado olhando-a. Nacos de luz fosca e nacos escuros trocando de lugar. Clara não sentia mais as pontas dos dedos — apertara-as tanto —, não sentia em si própria nada além da vertigem abismal, da dor que lhe cortava a alma, do desespero. Viu crescerem raízes pelo tapete italiano, viu nascerem trepadeiras nas juntas das paredes, viu formarem-se folhas estranhas, escuras, de bordô-sangue, e viu vinho escorrer pelos rodapés da sala. Clara chorou sufocada, atirou o livro de receitas contra o caule que crescia junto ao pé da poltrona. Entre os pedaços de luz, projetada como sombra na parede, a silhueta do capitão francês sem rosto, de pé na varanda, atrás do vidro — Clara fechou os olhos e permaneceu a enxergar a imagem, sentiu o pé cortado pelas pontas das folhas, a raiz sufocando a pele, o capitão chegando mais perto e erguendo a mão de pau, as bandeirolas, os blocos de ferro caindo em direção ao teto do apartamento. Um barulho de chaveiro. Enrolada na lã, de olhos fechados, Clara percebeu que alguém abria a porta de casa. Hammam, enfim. Hammam querido. A porta abriu.

— Hammam querido, que bom que você chegou — disse, entre soluços de choro.

Foi quando percebeu: era Hammam, seu perfil desenhado pelo escuro, a mesma roupa, o abrigo para chuva, uma sacola à mão direita — devia ser a cerveja. Mas havia algo de estranho. Clara percebeu o rosto de Hammam: os olhos em vermelho, os dentes afiados como lâminas, o nariz enegrecido e pelos por toda face. Pelos

por sobre as narinas, envolvendo-lhe o queixo, circundando as olheiras, rodeando a boca e saltando-lhe das bochechas como se fosse um lobo cinzento.

— Olá, querida — respondeu.

Ventre

por Roberta Larini

Matei minha mãe. Sim, eu a matei com um bisturi cirúrgico. Um corte no ventre com precisão, extraíndo-lhe o útero, esse órgão muscular, localizado atrás da bexiga e na frente do reto, cuja função principal é abrigar o óvulo para nutrir e protegê-lo em suas etapas de embrião e feto. Foi meu primeiro crime, a primeira vez que senti o sangue quente em minhas mãos, prazer que cultivaria por muitos anos. Desde criança, ela me destratava, me chamava de guri imprestável, porco, nojento. Dizia que meu pai dava mais atenção ao filho que à esposa. Coitado dele, estava sempre em congressos viajando, era médico. Acabei com a vida do homem. Não queria prejudicá-lo, mas foi a única forma de me livrar dela. Arquitetei o plano em detalhes, sabia até a hora em que o “doutor” ia entrar em casa naquele dia. Ele se matou na prisão, jurando amar a “mulher”. Foi condenado por homicídio triplamente qualificado. Os vizinhos escutaram seus gritos enlouquecidos e chamaram a polícia, que encontrou o pai com o bisturi na mão, histérico, banhado num mar vermelho. Eu estava sentado num canto da sala; assim me encontraram. Fui manchete dos jornais. O filho de doze anos, órfão de mãe, ausente de pai. Fui criado por um tutor após o assassinato. Não localizaram o útero. Eu o escondi, banhado em formol, com as técnicas que aprendi estudando os livros de medicina da biblioteca de casa. Sempre fui autodidata. O útero está na minha coleção pessoal. O ventre daquela vaca foi arrancado para que ela não pudesse mais ter filhos. E, conseqüentemente, nenhum sinal de vida.

Na fria sala da delegacia, olho espantado as fotos em cima da mesa. As vítimas, mulheres de trinta anos, loiras, olhos azuis; estabelecendo um padrão, foram encontradas sem útero, costuradas cirurgicamente, sem nenhum sangue. Que psicopata teria intenção de deixar suas vítimas em perfeito estado, sem a parte essencial da procriação? O que ele estaria fazendo com isso? Experiências? Releio as anotações, observo a postura das vítimas, vinte e cinco delas, uma a cada bimestre, todas com uma rosa vermelha encontrada sobre o

sexo, sem sinal de estupro. Há quase cinco anos o persigo. Como delegado deste distrito, não desisto de buscá-lo. Queria conhecê-lo ao menos para entender seu objetivo. Quando analiso esse caso, lembro-me de minha mãe, coitada, que morreu tão jovem, com a idade das mulheres congeladas nessas fotos.

Quero livrar o mundo do caos antes do juízo final. Essas vagabundas que andam na noite, dançando, exibindo seus corpos – não merecem viver. Minha mãe fazia assim: bastava meu pai viajar a trabalho e ela caía na noite, voltava fedendo a cigarro, com cheiro de sexo no corpo. E me batia, aquela puta, me esbofeteava a cara quando eu perguntava aonde ela tinha ido:

– Não te interessa, guri. Tu não vais contar nada para o teu pai. Senão, eu te mato!

Uma noite, ela me disse isso pela última vez. Eu a cortei em forma de cruz, como se fizesse um haraquiri, enfiei a mão e puxei aquele pedaço redondo de carne quente. Hoje, ando pela noite e conheço várias mulheres iguais a ela. As solteiras, sem filhos, acho que têm o direito de se divertir. As vagabundas que me comentam que o filho está dormindo em casa, eu envolvo, seduzo, levo para o meu apartamento. Lá, a sala cirúrgica está preparada. Assim que uma entra, eu tapo a boca e o nariz dela com formol. Não me contento em extrair o útero; deixo ela morrer. O filho que espera a puta em casa será cuidado por algum parente, alguém que se importe mais com ele do que uma vaca da noite. Faço questão de deixar o corpo em algum gramado da cidade para que todos vejam. Coloco uma rosa, entre o ventre e o sexo, como uma metáfora; o maior símbolo dos amantes, só para lembrar os momentos de paixão que trazem ao mundo filhos indesejados.

Minha vida está neste distrito. Ando tão cansado que, muitas vezes, mal lembro onde estive. Vivo apático, tento mostrar punho quando meus subordinados estão à volta. Desloquei uma equipe para prender esse assassino. Não tenho tempo para sexo, para prazeres. Já não sei mais o que é isso. Estou quase assexuado. Também não lembro se algum dia senti prazer com uma mulher. Não

sou homossexual. Mas o cansaço, o estresse do trabalho, me deixa sem vontade de nada. Tomo café compulsivamente para ficar acordado. Fumo duas carteiras de cigarro por noite. Sou elogiado pelos colegas, considerado por meus superiores, adorado na mídia. Estou em alta na sociedade, influencio quem eu quiser. Faço meu trabalho, tenho a ética de não abusar do poder que me foi dado. “O Colecionador de Ventres” resolveu me provocar. Após a entrevista que concedi na televisão, ele agora me manda um buquê de rosas por semana. Estaria apaixonado por mim? Ou ele apenas deixa pistas querendo ser encontrado? Eu tomo cuidado quando estou em público. Tento resguardar minha vida. E, principalmente, quero preservar a das futuras vítimas. Se eu não mobilizasse essa busca frenética, ele não teria mais limites, as mortes seriam incontáveis.

Aquele delegado imbecil resolveu colocar a boca na mídia. Acha que vai conseguir me localizar fazendo escândalo. Não sabe o bem que estou fazendo à sociedade, livrando o mundo dessas mulheres sujas. Onde está escrito o que é bom ou mau, certo ou errado? Foi essa sociedade medíocre que decretou isso. Não conseguem limpar nem a própria imundície, quanto mais purificar alguma coisa. Eu só faço o meu trabalho. Uma a menos para deixar as crianças abandonadas no mundo. Quando caminho à noite em direção aos bares, vejo as crianças atiradas nas ruas, passando frio e fome. De dia, estão nas sinaleiras, pedindo esmolas para abastecer a necessidade de álcool das mães bêbadas em casa. Eu faço justiça com meu próprio bisturi, o mesmo que roubei de meu pai há muitos anos. Ele continua intacto, a lâmina fria, cortante. Aquele delegadinho, que não tem nem a coragem de mostrar a cara na tevê, acha que pode fazer o que quer. Vou perturbar a vida dele. Mandarei uma flor ao dia, não... quem sabe um buquê por semana?

Ele está passando dos limites. Não contente em me mandar rosas, deixa mensagens escritas a sangue destinadas a mim – primeiro, perto das vítimas e, agora, mais abusado que nunca, sujou a minha sala na delegacia escrevendo na parede: “Moretti, sua bicha! Pecado é privar-se do prazer!”. Ele resolveu fazer isso depois que dei

uma entrevista na tevê falando que o que ele fazia com as vítimas era um pecado, um sacrilégio.

Cinco anos de faculdade e eu optei pelo Direito Penal, talvez por culpa de não ter impedido a morte da minha mãe. Resolvi interceder em outros crimes. Quinze anos nesta delegacia e nunca vi um caso parecido. Esse homem acha que está contribuindo para a sociedade, que nada faz de errado. Quer que eu o encontre – não para ser preso, mas para nos enfrentarmos. Deixou um último bilhete com um endereço, pede que eu vá sozinho. Decido ir sem minha equipe, revoltado por ter sido chamado de veado. Coloco a arma na cintura e saio em sua busca.

Há algumas horas, deixei um bilhete para que ele viesse ao meu encontro. É a única forma de descobrir quem eu sou, ou assumir quem realmente ele é. Essa veiculação toda, notícias no jornal; estão me chateando, me chamam de “Colecionador de Ventres”. Eu não os coleciono, apenas os guardo em meu apartamento, enfileirados em prateleiras, para se conservarem intactos, sem função. Devo ter uns cinquenta deles. Vou sair e deixar aquele delegadinho de merda passear pelo meu apartamento e fuçar tudo o que deseja. Quero ver se, depois de visitar este lugar, ele não vai me dar razão, parar de questionar meus atos.

Paro o carro em frente ao prédio. Olho para os lados e verifico minha arma. Hoje é o dia do fim. Vou matá-lo assim que o vir. Não quero nem levá-lo preso. Esses psicopatas de bosta só incomodam. Não vão presos, alegam insanidade e só dão despesa. Entro no prédio, subo as escadas. Estou em frente ao seu apartamento, a porta está apenas encostada. O cheiro de formol é forte e nauseante. As estantes na sala distribuem os troféus lado a lado. Encontro uma sala com material cirúrgico: bisturi, tesoura, linha e uma maca com lençol branco. No quarto, uma fita de vídeo em cima da cama, etiquetada, com meu nome. Assisto a uns quinze crimes documentados. Ele filmou quase todos. Nauseado, vomito. Não acredito no que vejo. Vim decidido a matá-lo. Vou até o espelho e me olho incrédulo. Em poucos segundos, eu o matarei. Encosto a arma na cabeça. Atiro.

Funghi

por Luciana Thomé

EM SEGUNDOS, os cogumelos começaram a brotar. Apareciam entre os azulejos, nasciam do rejunte. Foi rápido. As pequenas cabeças de cor clara, peculiarmente manchadas de marrom, cobriram todos os centímetros do piso da cozinha. Minhas mãos se abriram para que meu corpo recebesse todo aquele perfume estranho. Um cheiro quente e úmido, feito um grande corpo quente e úmido. Entrou em mim. Lento, constante.

Os vidros de esmalte e acetona caíram no chão. Metade das minhas unhas roídas estava vermelha. O restante exibia uma pele rubra. Sangue. Um machucado esculpido há dias pelos meus dentes. Isso é quase tudo o que lembro. Isso e a fome que me conduzia com as pernas bambas. Uma vontade de abrir a boca e consumir tudo aquilo. Esmaguei um pouco desse jardim silvestre até o caminho do armário. Creme de cogumelos delicioso, minha boca salivando, minha língua passeando pelos lábios. Ouvi gemidos. E me senti poderosa imprimindo a marca dos meus dedos e calcanhar em todos eles. Invencível como um trovão, um raio, o mar, um vírus letal. Lobista da morte, alta executiva da funerária universal, rainha do lar.

Com a pá numa das mãos, fui golpeando o solo. Com a outra, protegia os olhos dos cacos que voavam como flechas pontiagudas. Os cogumelos colhidos, cuspiendo palavrões e impropérios de suas pequenas bocas e seus pequenos dentes, foram acomodados no meu colo. Enrolei a barra do vestido e joguei tudo dentro da panela. Os olhos me vigiavam enquanto eu riscava os fósforos. Um após o outro, a lixa encharcada com o meu suor. Alumínio quente, me acomodei próxima da porta e apreciei o cheiro vivo do funghi. Verdadeiro banquete do meu olfato, insanidade gastronômica, criaturas perdendo a alma e virando refeição.

Pensei em um banho quente antes de preparar prato e talheres. Água e doce acetona na banheira para curar as minhas feridas. Para relaxar. Circulei pelo apartamento. Os cogumelos já estavam por toda a parte. No tapete e sofá da sala. Na cama e no travesseiro

amarelado. No banheiro, arrastavam seus torsos porosos para inspecionar a ferrugem da esquadria metálica do boxe. Com seus três pequenos dedos, desmontaram o chuveiro e constataram que a resistência estava queimada. A água estava fria feito o vento da rua, e escura como lama. Era espessa e escorria nas paredes. Tudo cheirava a esgoto, lixo, uma podridão azeda. Talvez por isso estivesse me sentindo tão pesada, tão suja. Tão cansada daquelas roupas jogadas no chão, chutadas no caminho, espremidas atrás do vaso sanitário. Levantei o rosto e me vi no reflexo do espelho. Uma pessoa em forma de sujeira. Tive vergonha do meu corpo, das minhas costelas aparentes, do meu rosto apagado de olhos quase vítreos. O meu ventre murcho, inútil após tantos anos de tentativas e abandono inevitável. Pobre mulher branca, magra, esquecida de si mesma, eu falei. Abracei meu próprio corpo, escondendo o que pudesse. Senti as crostas de peles endurecidas dos meus cotovelos, a pele gordurosa e flácida.

Feito uma tartaruga medrosa, me encolhi no chão, tentando esconder tudo isso dos meus olhos, do mundo. Estava envergonhada de ter desistido, de ter pausado a existência para ruminar pensamentos destrutivos durante meses. Eu era mesmo a rainha de um lixão de paredes mofadas, e meu cetro de strass descascado e velho não imprimia respeito em ninguém.

Fui me afastando do cheiro do funghi quente. Com o rosto encostado no carpete, me esqueci da fome, deixei a atmosfera me absorver e o alívio me cobrir por completo. Senti as pequenas mãos encostando no meu corpo, limpando minha pele com algodão perfumado. Era isso. Uma salvação difícil de compreender, mas que contaminava como cheiro de rosas. Suspirei enquanto lavavam meu rosto, minhas costas, meus pés.

Sorri ao ver a dedicação dos cogumelos em reciclar também todo o apartamento. Recolhendo papéis, tirando o pó, sumindo com as camadas de poeira e cabelos que se acumulavam nos cantos. Os meus duendes da sorte me renovavam e me deixavam como no nascimento. Sem minhas roupas rasgadas, pura, com uma chance de começar tudo de novo. Voltei para a cozinha e, próximo da pia, uma

xícara fumegante me foi apontada. Um chá quente, saboroso. Bebi em grandes goles, sem me importar com o calor queimando a boca. Eu estava imune, protegida. E, lentamente, meus olhos se fecharam, e todos os meus pensamentos foram apagados. Como se alguém desligasse o botão com o meu nome... O nada... Absoluto, tranquilo, paraíso.

É quase tudo o que lembro. Há alguns minutos acordei. Cordas grossas prendem meus pés e mãos. Impossibilidade de mexer qualquer parte do corpo. Sem forças para emitir todos esses gritos que estão dentro da minha cabeça. Recobro a consciência e sinto uma dor aguda num dos dedos. Um cogumelo morde com força. O sangue escorre... Agora, estão aqui na minha frente. Na linha dos meus olhos que tremem sem parar. Tantos cogumelos, enfileirados, numa marcha imóvel que aponta para mim. Suas bocas salivam. Eles me olham. E cuidam daquela imensa panela sobre o fogão.

Vãos

por Alessandro Garcia

MENOS PELO calor pegajoso e tanto zumbir de mosquitos do que pela lembrança do velho Trajano, incrustada em todas as paredes revestidas de cedro que nos rodeiam, dormir à noite é um sacrifício que me leva repetidas vezes a levantar, sair ao corredor pelo simples arejar que a caminhada me proporciona e ir ao banheiro molhar os pulsos, o rosto e também um pouco da nuca, deixando que a água escorra pelas minhas costas que já estarão secas quando eu voltar de novo ao quarto. Ver se Lorenço dorme bem se transforma em gesto quase automático, tão estranho ainda me parece fazer vigília para um sono que nada pode ter de perturbado, não nesta idade em que suas preocupações não se resumem a outras senão decidir se vai pescar cedo pela manhã tão logo Nina apareça com a tia Martita ou convencê-la a prender cigarras em um daqueles vidros grandes de marmelada Coty que Delia tão certo separou para ele depois de embrulhar o doce em papel-manteiga. Vigiando o que não há para vigiar, a imagem de Lorenço é como um quadro de Jacobo: uma perna para fora da cama, de barriga virada para baixo como gosta de dormir, os lençóis já vão longe, mas dorme bem, com a cabeça afundada no travesseiro e o sossego do boa-noite deixando os mosquitos longe da pele ainda tão fina. Terrível uma noite ser tão quente assim. Desde cedo e a preocupação em pulverizar de inseticida os quartos, baixar as telas nas janelas e acender o boa-noite onde todos vão dormir. Bom que Lorenço pega fácil no sono, basta o ventilador para lhe espantar o calor e não é preciso se preocupar se sofre com a mudança de clima, tão diferentes de casa são estes dias e estas noites aqui no sítio.

Espantou os monstros debaixo da cama, doutor?, pergunta Delia, a voz séria demais como quando sempre brinca de sonâmbula, tão logo me dá tempo de adentrar no que começa a ser sono, assim também como espera sempre. Tinha uns dois ou três, mas acho que já estavam grogues por causa do boa-noite, de forma que foi bem fácil acabar com eles. O ar abafado faz nascer pequenas gotas de suor

em Delia, grudando-lhe o pijama contra o corpo. Ela empurra o lençol para fora da cama, tão parecido fez Lorenzo ficar nas pequenas coisas que só se vão descobrindo assim, como quem observa sem querer ver, e resmunga que eu olho por demais para Lorenzo e outras coisas que não consigo entender porque faz daquele jeito que parece birra, mas planejado o bastante para que flerte com o que para mim é charme. Eu aguardo bem uns três minutos, a barriga virada para cima vendo com o canto do olho Delia procurar por melhor posição, o revirar do travesseiro para descobrir se o outro lado está mais gelado. Sua pele repleta de gotículas acentuando-lhe as formas por sob o cinzento da malha que lhe gruda às coxas, peitos e barriga, me parece um convite para me colar a ela, tão excitante se põe Delia nestas noites quentes de verão. Ela rezinga qualquer coisa sobre o calor, me empurrando com as pernas e não é preciso mais do que isso para que eu me vire de lado e trate de procurar por um sono que, começando a piar lá fora os pardais, sei que não mais virá.

Há o cheiro do pão, que Delia acordando mais cedo do que eu, esquenta no pequeno forno. Há também os gritos de Lorenzo e o barulho que ele faz em correria, pisando forte com seus calcanhares descalços o chão de madeira da escada da casa. O que seria só acordar me parece uma ruptura de um tempo subterrâneo, um dar-se conta de outra instância em que a voz de Delia gritando que o café está pronto me conduz a este instante repleto ainda dos resquícios noturnos de empurrar de corpos e tentativa frustrada de aproximação. Atento ao deslocamento que me faz ouvir por antecipação os gritos de Lorenzo se aproximando da porta do quarto e berrando que quer jogar futebol, vamos logo, antes que chegue Nina, que horas chega Nina? Acontece que não é fácil partir assim de um estado a outro, e me deixa levar até a mesa, confundindo meus sentidos com o gole do café que é bem quente e cujo vapor me embaça a visão e não me deixa ver por completo Delia, ela que me olha assim, somente como quem passa a margarina no pão logo de manhã cedo.

Uma casa grande demais para somente nós três, de modo que o convite para que tia Martita venha com Nina tem o tanto de educação que sempre cabe à velha tia de Delia, tão próxima do sítio fica a sua casa e tão acostumada está em veranejar na residência do velho Trajano. Isso desde quando a construção era ainda somente um chalé por onde corriam ele, tia Martita e os outros irmãos, nenhum deles mais em condições de aproveitar a bela casa em que o casebre se transformou. Há também a alegria que a presença da pequena Nina tem para os dias de Lorenço. Toda cachos e olhos negros, basta a simples menção da ideia de convidar a prima para passar o verão conosco, para Lorenço se impacientar com a perspectiva de chegarmos logo ao sítio e mais ainda para que tia Martita venha logo com Nina a tiracolo. Nina e Lorenço têm as idades próximas, mas não é preciso ir além do que o um ano e tanto a mais dela para se notar a diferença que há entre meninos e meninas. Daí acharmos ainda mais bonita a sua paciência e o apego com Lorenço, envolvendo-se em brincadeiras para as quais já pode se considerar mocinha, mas tão solícita e companheira: catando sapos com ele e sendo a primeira para correr e arrumar as linhas e varas para irmos à pesca dos lambaris e acarás que mais tarde viram fritada na frigideira da tia Martita. Então também para nós os dias se transformam em um daqueles idílicos verões em que à sucessão das pescarias no riacho logo cedo, a noite se completa com discos na varanda e fatias de melancia, histórias da tia Martita e as crianças à cata de cigarras em volta da casa e podemos esquecer quase por completo as traduções e o hospital e os dias que não têm fim na cidade.

Depois das receitas da tia Martita e dos tantos doces que Delia faz a misanscene de ajudar a preparar (também para que ela possa de fato descansar nestes dias de verão é mais do que conveniente a presença da tia Martita: a velha se apressando em preparar com todo o gosto as dezenas de quitutes do seu rol de surpresas noturnas, presenteando-nos a cada jantar com elaborados pratos, sem deixar que Delia seja mais do que peça decorativa na cozinha, com a função oficial de receber as informações de preparo

em primeira mão — delícias às quais, por tradição familiar, caberia a Delia herdar mas que, eu tenho certeza, nunca chegarão à cozinha de nossa casa na cidade), ficamos, os adultos a desempenhar nossos papéis, como que distraidamente; ouvindo com curiosidade insuspeita as mesmas histórias que tia Martita se entenece em nos contar pela milésima vez. Bom que o faz com adendos diferentes aqui e ali, servindo para que Delia não note que minha boa vontade com suas tramas repletas de cavalições e bailes no teatro municipal se esvai na medida em que cresce meu interesse pelas glicínias que ornaram a subida da varanda, pensando em levantar um tanto mais cedo pela manhã para podá-las e deixá-las de um jeito que daria gosto de ver até ao velho Trajano. Fala-se de López Mañara, dos filmes de Héctor Bonilla-Stewart, dos cafés da Rivadavia e até do louco Bazán — de um jeito que os licores de laranja e lima deixam ainda mais interessante — e quando tia Martita começa a pescar, o licor e as conversas fiadas já fazendo um efeito soporífero na velha, está mais do que na hora de levar as crianças e a tia aos quartos, que este recém é o primeiro dia e tantos há mais pela frente e se continuarmos assim nem a velha e nem nós mesmos aguentaremos.

Natural que deixemos a tia Martita em quarto confortável, portanto deslocamos Lorenço para ceder lugar a ela e por fim o alojamos de modo a parecer bom arranjo a todos: separado do aposento da tia somente por um banheiro que serve aos dois dormitórios, colocamos Lorenço e Nina em um quarto com beliche, eles que decidam quem dorme em cima e quem dorme embaixo. O bom é que suas conversas podem se esticar até a hora em que o sono bater ou até que eu ou Delia desçamos para mandá-los calar a boca; eles só se veem no verão e me parece mais do que razoável deixar que se entretendam noite adentro nessa tagarelice que parece fio de novelo que os pequenos não se cansam de puxar. Eu mesmo desabo com um cansaço com certeza acentuado pelos licores e a função com as crianças; é verdade que a chuva que cai tornando mais fresca esta noite é um convite para o bom sono. Daí aquele torpor quando sou acordado por Delia horas tantas depois, aquele estado em que nada é nenhuma coisa com precisão e, então, demoro em entender a

presença de Nina em nosso quarto, o choro dela abraçada ao pescoço de Delia, só o choro e a carinha de Lorenço, como sem entender nada no batente da nossa porta, o pijaminha de coelhinhos e procurando alguma forma de consolar Nina, que não há forma de consolá-la tão convulsionado é aquele choro. Depois, é tão difícil entender as palavras que vêm por entre as lágrimas. Vejo que a janela ficou aberta, com certeza devem ter entrado os mosquitos, Delia me diz que Nina tem que dormir conosco e ela diz que não quer voltar para o quarto por causa do retrato. Pergunto para Delia se devo ver um calmante para Nina e ela meneia a cabeça em negativo sem olhar para mim. Lorenço não resiste e mesmo ante o choro de Nina esconde um riso e me leva até o andar de baixo onde dormem, para me mostrar o retrato que assusta a menina. Tia Martita é a única que não desperta com toda a função que envolve a casa e é bom que seja assim, vai ficar assustada se acordar vendo que Nina chora tanto. Eu desço com Lorenço enquanto Nina fica abraçada a Delia no andar de cima. É estranho sentir-se tão hipnotizável, descobrir a sensação sonolenta que ser surpreendido repentinamente proporciona. Daí a facilidade de ceder à imaginação, deixando-se render pela expectativa que a quase anúncio da visão do retrato remete. Lorenço me fala no caminho que é bobeira que Nina chore tanto, e eu mesmo me surpreendo não tanto com a maturidade na voz de Lorenço, mas que eu não tenha nem notado a presença do retrato enquanto arrumava o colchão para os pequenos e de repente ele me pareça, assim, tão deslocado de sentido que sequer exista, por mais que esteja pendurado no quarto onde dormem as crianças. Sobre o retrato, o que impressiona é a sua atmosfera de proximidade tamanha conduzindo a uma espécie de suspensão de juízo, de não querer prosseguir a olhar, mas sentindo-se atraído. Um menino de cabelos avermelhados chora em primeiro plano, o rosto olhando em nossa direção, envolto no que deve ser um casaco de lã crua, castanho e repleto de volteios. As pontas lembram labaredas e a dificuldade de se distinguir o cenário que se forma às suas costas provavelmente é o que mais impressiona conforme seguimos mirando: há pouca nitidez e, portanto, pode ser um jardim, ainda que os morros se assemelhem tanto a vulcões cinzentos. O céu,

carregado, como se fossem surgir vãos por onde virá uma tempestade. A imagem remete a um outro lugar qualquer, impatriado, já que apesar do realismo da pintura, é difícil crer que uma criança como aquela exista, tão bela na simetria do seu rosto, os cabelos de um castanho-avermelhado com uma leve franja caindo sobre a testa e o choro contido de lágrimas rolando pela face. Há qualquer coisa na luz que parece alterar a percepção conforme o ângulo pelo qual o observamos. Não se pode contemplar o quadro sem ser tomado por algum sentimento fatalmente muito próximo ao temor, embora seja bobagem que eu diga isso já grande, ora, e não é somente um quadro? Mas é estranho que em pouco tempo eu possa compreender ou imaginar a sensação de Nina ao acordar com aquele retrato na penumbra como a vigiá-la. Difícil é crer que Lorenço, tão sensível, não se tome ao menos de solidariedade por Nina e não veja nada no retrato capaz de assustar uma menina tão pequena. Ele, ainda mais novo, parece revestido de uma imediata superioridade que só o faz achar graça na reação da prima que tanto ama. Eu deixo claro que não concordo com ele, que a pequena tem, sim, os seus motivos para se assustar e que portanto vai dormir conosco esta noite. Lorenço desfaz o sorriso quase instantaneamente enquanto eu digo que se para ele não é problema, que vá dormir logo pois já é tarde. Com a porta fechada atrás de mim, eu já não vejo essa maneira de olhar assim, por instantes, que Lorenço ainda me dirige, antes de baixar os olhos e cerrá-los porque falta pouco para que chegue a manhã. Eu me certifico de que Nina já está dormindo, abraçada a Delia, e desço até a cozinha para preparar o chimarrão. Não vale mais a pena deitar-me por tão pouco tempo. É melhor calçar os chinelos e fumar na varanda até que o dia termine de se apresentar.

Pela manhã, Delia me surpreende podando as glicínias. Pergunta com um interesse que me parece mais formal por que desisti de voltar a dormir e eu lhe respondo mostrando o bom trabalho que fiz com a entrada da casa, as glicínias e coroas-de-cristo e até mesmo as pequenas mudas de tulipas já na sua melhor forma. A pequena Nina ficou dormindo, pobrezinha, é compreensível. Por isso quando tia Martita aparece, estranha não ver a menina nem Lourenço correndo

pelo jardim. Parece que ficaram conversando muito ontem à noite, tia, eu digo, e olho para Delia que faz coro à minha pequena mentira, emendando um comentário qualquer sobre essas crianças e que as deixe dormir um pouco mais, afinal, tem só o verão para isso, não é mesmo? Tia Martita concorda conosco e diz que vai preparar bolinhos de queijo e croissants para o café-da-manhã e que gostaria que as crianças provassem. Será que é problema acordá-las? Eu digo não, agora já dormiram bastante. Pode deixar que daqui a pouco vou chamá-las, tia. Quem vai querer ficar sem provar os seus bolinhos de queijo? Eu é que não vou, tia!, completo dando um tapa na coxa de Delia e correndo até dentro de casa, sem me virar para ver se Delia esboçou alguma das suas máscaras de indignação, ouvindo somente a risada de tia Martita, se tia Martita soubesse.

Quando eu chego até o quarto de Lorenço, ele já está terminando de se vestir e concorda em subir para surpreendermos Nina. Acordamos a pequena cobrindo-a de beijos e cócegas e ela desperta faceira e risonha, como as crianças deveriam sempre acordar. Lorenço abraça a prima e parece que nada de choro e susto aconteceu na noite passada, eu mesmo quase não me lembro de tudo o que disse, acho que na verdade os pais dizem sempre a mesma coisa. Os pequenos escapam rápido da mesa depois de se empanturrar com os bolinhos de queijo e os croissants de tia Martita e dizem que vão caçar gafanhotos na beira do riacho. Melhor assim porque Nina se distrai, não é? Delia fala alto demais e sorte que tia Martita é meio surda, pergunta sobre o que falamos e eu invento que tenho que terminar de podar as glicínias e depois dar um jeito no portão de madeira que precisa ter a cancela pregada.

Bem mais além da casa, o sítio se estende em uma enorme propriedade. É preciso boas pernas para se percorrer a horta que vem logo atrás, seguida da velha estrebaria junto do campo de futebol em que os peões daqueles tempos findavam os sábados em partidas das quais até o velho Trajano fazia questão de participar. Depois, há ainda um açude artificial para a criação de peixes, o poço já fechado e o riacho, de onde parte do curso tinha sido desviada para alimentar a plantação de arroz que ainda naqueles idos o velho

cultivava. Embora já quase ninguém se lembre além de Delia e de tia Martita, que além de fazer questão de esquecer já não saía da volta da casa quando vinha veranejar no sítio, era preciso atravessar uma ponte que o velho construiu sobre o riacho para chegar ao casebre de madeira erguido quase nos limites da propriedade. Eu continuo sendo fiel à memória, mas é impressionante o quanto as pessoas põem tanta inteligência nas pequenas coisas para se cercar de outras que saem não se sabe de onde, e, do jeito delas, pela junção de tantos pontos e fiadas, encontram vãos para fazer nascer um fato novo, uma outra coisa que não é nem aquilo o que aconteceu nem aquilo que foi inventado. Porque eu passeava a cavalo mais perto do riacho do que todos os outros — envolvidos àquela hora com a pintura da casa — para Delia parecia natural que eu detivesse o fogo a tempo, mudasse o curso do riacho magicamente em direção ao casebre, ou sei lá que diabos de mágica imaginava que eu fosse capaz de fazer para deter a queima daquele antro de madeira velha. Que tirasse o velho Trajano e a filha do peão de dentro do casebre ainda antes de serem completamente queimados é pouca coisa para ela. Como era pouca coisa que meus recursos de salvamento tenham sido insuficientes para trazer o velho de volta à vida. Em situações como estas, faltam todos os porquês. Sobram as cobranças. Afinal, se eu sou um médico, que salve o velho Trajano. No mais, a ela e sua mãe, conforme ficasse cada vez mais constrangedor tentar encontrar motivos de por que o velho se trancara com a filha de um dos peões naquela casinha, também era paliativo pouco suficiente o fato de poder velar o corpo de caixão aberto, já que graças a minha prestativa ação, o rosto escapara incólume a queimaduras. E nem se pode dizer que tenha contribuído para a morte da velha logo em seguida saber o que eram, afinal, os desenhos encontrados no chão do casebre. Como a nós não coube identificar do que se tratavam e nem estivéssemos interessados em contratar peritos para decifrar o significado dos hieroglifos e dos estranhos objetos dispostos em volta, achamos por bem não nos questionar mais no que o velho Trajano andava metido. E me vem um sem-número de vezes o alívio como que sem fim de que Lorenço ainda fosse tão pequeno e frágil nesses dias que o velho Trajano nunca tenha sequer o pegado no colo, ainda que me venha

também a certeza de que a vinda de Lorenço não trouxe o que quer que esperávamos que trouxesse de volta ao nosso casamento. A bem da verdade, foi a partir daí que cada dia passado com Delia passou a ser algo assim como preencher silêncios.

Passear junto ao riacho, ainda que tanto tempo já se tenha passado é como retornar de algum modo a este instante congelado em seu próprio movimento. Terminada a poda das glicínias e o conserto da cancela do portão, a vivacidade do episódio me retorna à grande quando caminho ali pela volta, esperando encontrar logo Lorenço e Nina que afinal devem voltar para o almoço com ou sem os gafanhotos capturados. O vestido de Nina é de um verde quase limão, alinhado demais, é verdade, para as brincadeiras na volta do riacho. Contanto que estivessem longe dele, somente até onde os gafanhotos eram abundantes e podiam colocá-los dentro dos vidros de marmelada Coty esperando apenas que eles pulassem por conta própria para sua prisão. Ficava fácil de enxergá-la, muito longe de onde deveria estar, a água do riacho já lhe batendo na altura da cintura, o choro menos convulsionado do que na noite passada, mas de um nervoso que diferia e muito da risada de Lorenço, esticando-lhe um galho para que ela pudesse segurar-se e voltar para junto da margem. Não me parecia que dali sairia bom resultado e nem que Lorenço estivesse realmente imbuído de real vontade de trazê-la de volta, mas é lógico que esse tipo de pensamento me passou com a velocidade de quem quer resolver a situação de uma vez. A verdade eu não podia ver, porque a minha pressa era em chegar até Nina, pegá-la nos braços e colocá-la de uma vez na terra, sem me questionar naquele instante como caíra no riacho, por que não conseguia voltar à margem e por que me parecia que Lorenço agia como seria tão estranho que Lorenço agisse. No caminho de volta para casa, com o belo vestido de Nina mais molhado do que embarrado, fazia um esforço para olhar para Lorenço, mas era o nervosismo da pequena que mais me preocupava. Ele vinha arrastando o galho até certa altura, quando pedi que o largasse de uma vez. Essa maneira de olhar assim, de parar por um instante como a indagar insolentemente, mas sem que a voz exista para

denunciar nada nem perto disso, era nova para mim. Perguntava-me se tinha alguma coisa de Delia, só poderia ser dela a empáfia.

Depois em casa, tia Martita agora já tão atenta à nossa volta não tinha como inventar alguma outra desculpa que não tivesse o riacho e Nina de alguma maneira dentro dele, só amenizar o relato para que a velha não se enervasse. Delia não ajudava, o olhar fuzilante para Lorenço e mim como a querer formar um escudo, cruzar ante aquele olhar e mandar que Lorenço fosse para o quarto, depois ia ter com ele. De nada adiantava pegar Delia pelo braço enquanto tia Martita se ia com a pequena para a cozinha. É você e suas proteções, olhe o que ele está virando!, Delia rápida com suas diatribes, seus discursos sempre inflamados e prontos à procura de vãos por onde se esgueirar. Mais como a dar uma satisfação que não lhe devia do que imaginar que daquela conversa saísse algo proveitoso. Você não sabe do que está falando, não estava lá! É exagero, não sabe que é só uma criança, ora bolas? Brincavam e Nina se foi para dentro do riacho. Não há mais o porquê da discussão. Para você tudo é sempre uma brincadeira. É quem sempre está perto do ocorrido para a versão oficial, não é? A ira de Delia era como uma massa que se espessava. Dar-lhe tempo para descanso só a faria mais forte. Mas eu a alimentaria com meu silêncio então, porque nenhuma outra palavra disse enquanto caminhava para o quarto de Lorenço.

Há o cheiro, não se concebe que de um filho não se reconheça o olhar, o jeito de falar. Então há o cheiro que se sente despreendendo do cabelo, o suor da exposição ao sol, das brincadeiras pela manhã no riacho. E o cheiro é o mesmo de sempre, é idêntico de quando com três anos. Sentir esse cheiro que vem da sua nuca é um conforto, como mirar de cima o redemoinho do cabelo castanho e desgrenhado, porque ele olha para frente, porque ele não me encara e eu ainda não sei o que fazer para quebrar o silêncio. Como pode?, tão pequeno e me pondo em apuros de constrangimento. O que aconteceu hoje pela manhã, Lorenço? Dez, quinze segundos antes que ele comece a balbuciar alguma coisa é uma eternidade. Continuo o papel de pai enervado, nada que me faça perder o controle, é

lógico, e a resposta de Lorenço me vem sem que o olhar seja desviado. O senhor viu, papai. Brincávamos quando Nina caiu no riacho. Eu tentava puxar, mas era difícil! Um tribunal de inquisição. Questionar assim o pequeno me é de um esforço sobrenatural, sempre Delia aplicando os castigos quando nas ínfimas contravenções. Mas do que vocês brincavam, como Nina foi parar ali dentro? Caçávamos os gafanhotos. E eram tantos ali na volta do riacho!, a risada fora de hora, Nina querendo encher os potes antes que eu pudesse terminar os meus. Mas, e eu pergunto como se tal noção pudesse ser clara para uma criança da idade de Lorenço, de uma criança da idade de Nina, vocês não viram que era perigoso ali? Perto demais de onde o riacho já começa a ficar fundo? Sim, papai, mas parecia que não tinha perigo, sabe? E Lorenço sorri e percebe que sorri porque logo em seguida fecha a expressão, me olhando com o canto dos olhos (como é cruel ver que há algo que já não sei o que é em Lorenço). Nós tínhamos que pegar os maiores gafanhotos e era lá que eles estavam. Falei que Nina fosse e... Você falou que Nina fosse?, eu percebo a incoerência do seu discurso. Não!, Lorenço se apressa em consertar, Nina falou que se fosse seriam dela os maiores e eu, ora, Nina é maior que eu, papai. Já me parece ridículo o bastante inquirir Lorenço assim, procurando suas contradições (e perceber que existem e que existe outra coisa não-dita). Afinal, o que pode uma criança da idade de Lorenço fazer que não seja natural ao seu comportamento infantil? Crer que Lorenço ria, que se se divertia enquanto sua prima chorava dentro do riacho me parece e é extremamente cruel (como é cruel ver que há algo que já não sei o que é em Lorenço). Relevo o que com certeza é fruto de má impressão. Mas por que você ria, Lorenço? Você não estava rindo enquanto lhe estendia o galho?, a pergunta me escapa antes que possa fazer qualquer esforço para detê-la. Os olhos de Lorenço cheios de lágrimas quando se volta para mim. Eu ria, papai? Mas eu queria tirar Nina de lá, mas. Você diz que eu ria? Uma criança. E me abraça chorando às fungadas. Chora como o menino de cabelos avermelhados que do retrato em frente insiste com essa expressão que perturba tanto e que era para onde, e só agora me vem, Lorenço

mirava fixamente antes que eu entrasse no quarto. Eu só não entendo por que não consigo acreditar nele.

Delia come à sua maneira, espetando os aspargos na mesma garfada junto com o peixe e mergulhando-os no azeite. Eu aguardo um tempo mais antes que pareça perceptível que terminei a refeição, bebo mais um gole do vinho branco que Mario levou naquela manhã até o consultório e caminho até o quarto para cercar o berço de Lorenzo, ver se dorme bem. Sem monstros, doutor?, Delia pergunta quando surge atrás de mim, tão sorradeira consegue ser. Eu sorrio para ela e já é um sorriso como não deveria, mas ora, faz tão pouco tempo que o velho Trajano se foi e mesmo Delia vem se empenhando para me dar crédito, ainda que isso não devesse ser esforço nenhum, como se eu fosse o culpado. Pela manhã, Mario recuou um tanto horrorizado quando viu as cópias dos desenhos, os confusos hieroglifos que cercavam o corpo do velho e da menina e que para mim já eram assunto encerrado, mas que estranho é essa morbidez, e querer escarafunchar um pouco, mas era porque eu estava com os desenhos ali, tão ao alcance àquela hora e como soubesse que Mario se metera com ocultismo, xamanismo ou não sei bem que outras obscuridades na sua juventude, me parecia natural que lhe colocasse às mãos aquelas reproduções que ao cabo de tudo os peritos deixaram comigo, eu que por fim tomara conta das coisas pequenas na morte de Trajano.

Ele está bem, não está? Como cresce rápido, eu digo para Delia, antes que ela se afaste do quarto e fiquemos só nos dois, eu e Lourenço mesmo. Sim está, como não estaria? Mas você não precisa falar com esse formalismo, ela protesta, sem mudar a expressão do rosto. Não, é só um jeito de falar. E Delia me olha como se não me enxergasse, a vista muito além. Qualquer palavra fora do lugar pode talvez acordá-la deste transe e então eu digo que deixemos o quarto, que deixemos Lorenzo dormir. Já na sala, Delia tensa me diz que não lhe interessa sobre o que eram os desenhos, é tarde e desnecessário saber qualquer coisa. As práticas e os significados rituais sobre o quais me falou Mario escapam de minha boca antes que Delia consiga me fazer calar por completo. São só os seus olhos que me

dizem que não havia porque lhe falar disso, que fazia questão de não saber do que se tratava e é verdade que não teria motivo qualquer para lhe contar, além da consciência tão límpida de que aquilo me causava um prazer estranho, a superioridade perante Delia e assim também era uma forma de puní-la por me culpar pelo que eu não tinha culpa alguma. E é claro que depois também achei que esta poderia ser a causa, como tinham tantas causas, para que nossas conversas desde aí passassem a ser tão repletas de constrangimento e não-ditos.

Não é verdade que as coisas sejam tão-somente o que são em sua simplicidade e dali nada mais se tire. Sei que Lorenço sonha porque revira os olhos e seu corpo todo está descansado, então não há mais preocupação se fui rude demais com ele. Ele dorme, afinal. Eu continuo em vigília, preocupado com o mau juízo sobre Lorenço, os pensamentos que não são o que deveriam ser sobre esse pequeno que é apenas uma criança (mas como é cruel ver que há algo que já não sei o que é em Lorenço). A minha presença ali no quarto ainda, contempla o retrato, esta outra coisa que é um punhado de tintas em sobreposições, de pinceladas e cores, que é tela e que é armação de madeira para formar o outro que não está ali, o menino de cabelos avermelhados saído não sei de onde e que tudo o que faz é chorar e me encarar, como não consegui fazê-lo Lorenço, os olhos em brilho, o pranto contido, neste outro lugar que é frio e desesperador como sua súplica, e só pode ser súplica o seu olhar que não arreda a direção dos meus. Passadas tantas horas e seu rosto me atemoriza e me atrai, e eu não desvio a vista porque é bobagem, é só um retrato, porque haverá de me pôr medo se nem a Lorenço conseguiu. E é um embate doentio e inútil porque o tempo se vai, mas não a sensação tão longe de agradável em que o retrato me põe. A manhã já está quase chegando quando me reconheço vencido ante aquela visão que só a Lorenço não incomoda e vou para o quarto junto de Delia querendo que ela esteja dormindo.

É claro que sempre se procura a causa, o que se chama estopim. E se procura descobrir a ponta inicial como se fosse uma ciência exata perceber na conversa o instante em que se desvenda as coisas

escondidas, o que existia ali esperando um vão para se fazer visto. Delia não está dormindo, não importa que horas altas sejam. E insiste que é só uma conversa. Ora, é uma conversa. O que não pode ser controlado? Quais palavras não podem ser medidas antes que terminem proferidas? Delia não parece saber por que o que sai de sua boca, como sempre, são acusações. Suas palavras sem destreza querendo me acertar o alvo. É selvagem e sua sorte é que me excita o short de malha que lhe adorna as coxas, as gotículas todas de suor ali. Dizendo umas tantas de suas frases de sempre, qualquer coisa entre o excesso de mimo com Lourenço, tocando, como não poderia deixar de ser, no episódio de tantos anos atrás, é ridículo que nós dois estejamos assim, lado a lado na cama, o tempo perdido na procura de culpa, os corpos tão próximos e o único exercício físico seja da língua de Delia, a boca que abre e fecha e não para me oferecer beijos. Acho que já é o bastante, qualquer discussão já começa sendo o bastante, porque vou perder esses instantes querendo me proteger, a convencendo de que educo tão bem o filho que sei que educo tão bem? E é certo que ela se enerva, lhe irrita que de minha parte não exista a contra-argumentação. Que daqui deste lado o que me interesse seja mirar a nascente de minúsculas gotas que lhe fogem para dentro do umbigo. Confunde com complacência o que é só o meu sorriso de quem quer que a discussão chegue ao fim. É claro que isso não pode permitir. Tem que insistir para que eu discuta com ela, para que eu me iguale em virulência e entre nós o que é tensão sexual vire tão somente esse bate-boca de que ela faz questão para se aliviar da vontade de fazer o que já não fazemos há tanto tempo. Mas não hoje. Eu não concordo que hoje seja assim, que continuemos empurrando com os ombros esses vãos que permanecem se instalando entre nós. O que me interessa é corromper a casa do velho Trajano, submeter Delia e fazer com que acabe de uma vez com estes dedos apontados em riste que já me irritam, que vêm há tempo me cansando, dobrar-lhe a empáfia que herdou daquele velho maldito e fazer com que cumpra com suas obrigações, não é natural que deixe seu marido, um médico, assim. Como se por mim não tivesse desejo. É o que você quer demonstrar, não é?, fugindo de minhas mãos, querendo me convencer de que vale

a pena voltarmos a discutir, o que é afinal de contas que eu penso que estou fazendo?, mas agora não interessa, não interessa, Delia!, não é possível crer que eu não possa, assim, dobrar suas mãos, essas mãos que sempre tratam de me rejeitar e voltá-las de um jeito que não machuque você, Delia, e ignorar que esses gemidos não sejam de desejo, que seus não quero não sejam outra coisa além dos seus jogos, que você não esteja chorando assim porque também me deseja e lhe agrada que eu por fim tire esse short que com certeza lhe machuca as coxas, tão apertado que é, ora Delia, você não precisa conter os gritos, o velho Trajano já se foi, nem pode nos escutar, muito menos esses soluços, sua respiração entrecortada porque eu sei que você gosta que lhe vire assim e lhe murmure obscenidades e percorra o caminho até estes dois montes salpicados de suor, apertando-lhes deste jeito forte, não é Delia? E que abra o caminho com os dedos antes de entrar inteiro. Porque sei que faz gosto do peso, assim, então, assim, minhas investidas sobre seu corpo para fazer desaparecer de uma vez esse passado em que tudo é só o velho Trajano e não é possível que seja o tempo inteiro isso, eu sei que você gosta assim, e o tempo todo lágrimas e agora não esteja tão bem, assim, nesta noite tão quente de verão, tão bem como eu estou quando saio de cima de você afinal estamos tão suados.

Por vezes é como se estivéssemos esperando coisas já acontecidas ou soubéssemos que tudo que poderia acontecer não viria a ser de outra forma. Pela manhã alta, a casa toda em suspenso, Delia nem palavras nem olhares na varanda, escutando os silêncios de tia Martita. Lorenço e agora a necessidade de estar sempre à vista. Onde está Lorenço, onde está Nina? Tia Martita não escondendo o que não é mais sorriso bonachão, o que não são pretensões de velha tia em fazer os croissants e broas e cucas de banana e que outras coisas que tornam tão idílicos estes dias. Foram catar caramujos e ainda não tomaram o café! O roupão de Delia lhe envolve como se tivesse muito frio, seu corpo voltado para um lado onde eu não estou e que talvez para Delia seja melhor do que olhar em minha direção. Catar caramujos? Por Deus, onde se meteram? Não há mais preocupação em Delia, há esse som baixo demais para que eu possa ouvir

qualquer coisa que não venha de sua boca. Tia Martita uma velha, não sabe me dizer, não sabe segurar a pequena em casa. O que faz além de pães de milho? Vou só com o calção velho, os pés descalços, correndo para onde é o riacho e para onde sei que Lorenço levou Nina. É uma carreira, a distância é grande, por isso me sobra tempo para pensar como é curioso as pessoas acharem que ter um filho é tão simples e que tão fácil que é lhe reconhecer o olhar, o jeito de falar. Que vai ser sempre um conforto conhecê-lo nos pequenos gestos e não ver o que não deveria estar ali. Onde se meteram, afinal? As pernas pesam como se não quisessem prosseguir e chegar finalmente perto de onde estão as crianças, devem ser elas, logo ali adiante, não somente Lorenço com seu calçãozinho encardido, os braços tão sujos de lama que ficaria fácil não reconhecê-lo, onde está Nina?, é verdade que não chego a sacudi-lo, mas é preciso despertá-lo, parar a brincadeira de esfregar o pequeno graveto no chão, o olhar onde não sei e a surdez que não encontra resposta para minha pergunta. Onde está Nina?, mas o que é afinal, então amar ao filho é assim, algo irracional que não questionamos e nem entramos em conta de seus atos? É assim amar esse Lorenço que não se vira quando lhe digo o nome, como se eu não estivesse ali, como se não lhe chamasse, e não fosse eu que perguntasse por Nina e, agora sim, começasse a sacudi-lo, o pescoço tão fino, o que você fez com a Nina, Lorenço?, como se não fosse eu com os olhos baços que me dão pouca nitidez, nesse ponto tão cheio de lama e que portanto pode ser um jardim, e claro que não ouço Delia, essa Delia que nem sabe me dirigir a palavra. À volta, o que há é o céu carregado, como se fossem surgir vãos por onde virá uma tempestade, nesse outro lugar qualquer em que é tão cruel ver que há algo que já não sei o que é em Lorenço, como não sei por que seu pescoço pende assim, tão frágil nas minhas mãos, enquanto se torna tão alto o choro de Nina.

A meia-noite do fim do mundo

por Fernando Mantelli

O MUNDO ACABOU. Não que o planeta tivesse se desintegrado. Todas as formas de vida visíveis estavam exterminadas. Ana era a última sobrevivente. Fechada em seu apartamento, ela viu tudo morrer à sua volta. Viu anunciarem na televisão que o terrível vírus estava solto na atmosfera, matando pessoas, animais e plantas em segundos. Viu o apresentador do telejornal, ao vivo e em cores, sangrar pelos poros e morrer em frente às câmeras. Permaneceu sentada no sofá até a telinha passar a transmitir um chiado fora do ar. Ligou o rádio: estática estalando em todas as estações. Olhou pela janela: pessoas sangrando e morrendo em desespero. Ligou para os amigos: não encontrou ninguém. “Todos mortos”, pensou. Então, os telefones emudeceram e a energia elétrica foi cortada. O silêncio absoluto de um mundo sem vida penetrou em seu corpo e foi aí que ela percebeu que estava só no planeta. Ana era amiga da solidão. Desde a morte do filho, praticamente não saía do apartamento. Sua redoma de vidro. Até quando sobreviveria com seus estoques de bolachas e água mineral? Essa era a grande questão do presente. Lacrada naquele apartamento decadente, não tinha sido atingida pelo vírus. Mas até quando?

Caiu a noite e com ela a escuridão total. A lua andava sumida. Nuvens negras pairavam. Sentada à janela, Ana refletia sobre o estúpido fim do planeta. Nada de guerras atômicas ou interplanetárias. Apenas um animalzinho invisível que destruiu os outros todos. Criado pelo mais estúpido dos animais, em um de seus estúpidos laboratórios. O velho relógio de parede bateu doze vezes. Era a meia-noite do fim do mundo. Pensou sobre o tempo e a ausência de sentido dele naquele instante. Quando a última badalada soou, um calafrio percorreu Ana até a medula: uma batida fraca e vacilante vinha da porta da frente. Ela imaginou tratar-se de delírio. Então, tornou a ouvir a batida. Dessa vez mais forte. Acendeu a vela da Virgem Maria e colou o ouvido à porta. O som leve da mão, se chocando contra a madeira, repetiu-se, quase em câmera lenta.

— Quem é? — perguntou ela, com um fio de voz.

— Sou eu, mamãe.

Aquela voz de criança gelou o sangue de Ana. Era seu filho. Impossível! Seu Cristian morrera havia dois anos. Estava louca, sem dúvida. Gritou para ele ir embora, deixá-la em paz.

— Abre mãe, por favor. Está frio aqui fora.

O resto de razão remanescente dizia para ela se afastar dali. Sentimentos que não entendia moveram suas mãos e abriram a porta. Lá estava ele, iluminado pela luz bruxuleante: Cristian, seu menino, lindo como na noite em que morrera. Possessa por emoções, ela puxou o garoto contra o corpo e o abraçou com força. Num átimo, aquele abraço maravilhado transformou-se num momento de horror. Ana sentiu a pele de Cristian desmanchar-se feito uma espuma pegajosa; o cheiro de fezes e enxofre e o frio cadavérico. Afastou-se dele, num gesto de repulsa. O rosto do garoto era o focinho de um monstro. Ele soltou uma gargalhada sinistra, escancarando os dentes podres.

— Você não é meu filho! — Ana tremia. — Quem é você?

A criatura odiosa aproximou-se da mulher e, em meio a vômitos, começou a falar:

— Quem sou eu? — A voz soava como a dos demônios nos filmes. — Criatura tão patética. Tem a petulância de perguntar quem sou eu. Porém, sua agonia me diverte, assim como de toda essa espécie de insetos pretensiosos chamados de humanos.

Pavor e nojo se confundiam em Ana. À medida que a monstruosidade falava, crescia de tamanho e, ao mesmo tempo, pedaços decompostos se desmanchavam em seu corpo e se espatifavam pelo chão.

— Quem sou eu? O tudo e o nada. O infinito. Habito este planeta infeliz muito antes dos dinossauros. Os antigos, que viram o mundo amadurecer, já me cultuavam em suas escrituras sagradas. Eu era conhecido como Nyarlathotep, o Rastejante Caos. Isso muito antes de eu criar, de um pedaço de meus excrementos, essa subespécie da

qual você faz parte. Isso mesmo. Você ouviu bem. Eu os criei. Eu sou o que está descrito nas suas miseráveis escrituras como O Criador. Criei para gozar com seu sofrimento. Matar o tédio com sua dor. Porém, suas capacidades limitadas já não me emocionam mais. Resolvi acabar com a vida neste planeta. Eu os criei. Assim tenho o direito de fazer com vocês o que bem entender. O vírus? Já o exterminei. Meu objetivo é o fim da vida. Por que eu apareci aqui na forma de seu filho?

A mulher sufocou de medo. A criatura lia seus pensamentos.

— Impressionada? — o monstro prosseguia — sim, eu sei o que você está pensando. Quando você rezava em frente a essa ridícula santa, era para mim que você implorava. Chorando de modo desprezível para que seu filho fosse para um lugar melhor. O Paraíso! — E riu, com escárnio. — Seu filho não existe mais. Virou um nada, assim como todos os que habitaram este inferno. Apareci na forma de seu filho, pois queria vê-la sofrer. Achou que podia me enganar? Trancada neste apartamento julgava poder evitar o inevitável? É muita pretensão para verme tão vil. Eu poderia esmagá-la feito um inseto. Não. Desgraçada que é, deve sofrer. Vai morrer. Achava que não? Vai morrer sabendo que a culpa pela morte de seu filho foi sua. Sua e de mais ninguém.

Ana começou a sangrar pelos olhos. Perdeu as forças. E, finalmente, a vida se extinguiu do planeta.

Cabeça-de-arroz

por Annie Piagetti Müller

QUANDO FOI PERGUNTADA sobre a alimentação, disse que comia bem, mantinha hábitos saudáveis, não fosse o excesso de arroz vez ou outra. O doutor quis saber mais sobre o assunto, pois admirava o tamanho e formato estranhos da barriga da mulher. Os braços gorduchos e as pernas de elefante denunciavam obesidade.

– O problema começou de repente, quando batia a fome.

Doutor Luís não acreditou na história, embora a naturalidade com que Neuci a contasse provocava um medo da coisa ser mesmo real. A mulher continuou falando de seu vício, como quem não se preocupava, não, fora o marido que a empurrara para o médico, caso contrário estaria em casa assistindo à novela das sete e comendo arroz, claro, embora o homem desconhecesse o desvio da esposa. Ela se sentiria muito melhor fora do consultório, longe do médico e de suas perguntas. Ainda assim, aguentou, paciente:

– Eu preciso comer fora das refeições. Arroz com feijão, arroz ao forno, bolinho de arroz e carreteiro não me satisfazem mais.

Qual seria a origem de tudo aquilo? Talvez a falta de instrução, afinal, parecia uma mulher humilde, ou a falta de educação, mas já era adulta, também. Ele não encontrava respostas e a mais óbvia era que nada daquilo fazia sentido, era uma louca, mais uma louca, afirmava o doutor em pensamento.

Na cabeça de Neuci, no entanto, a loucura não era cogitada. A sua melhor amiga tinha o vício do cigarro, muito pior que o dela; a outra colecionava em segredo formigas dentro de um pote para comer depois. Fazia bem aos olhos, acreditava Beatriz. Por fim, tinha a alcoólatra, que perambulava bêbada quando a cachaça invadia o sangue.

– Cigarro acaba com o pulmão da gente, não é, doutor?

Ele confirmou.

– Pois, então, arroz não acaba com ninguém. Só me deixou mais gordinha, admito. Mas, também, depois de dez anos de casada, você quer o que, hein?

Ele respirou fundo, ajeitou-se na cadeira dura. Sonhava tanto com uma poltrona de médico respeitado, aquela não causava imponência. Falou ríspido:

– Comer arroz, tudo bem, minha senhora. Agora, ter como hábito comer arroz cru já me parece um problema. Talvez não nutricional, pois de fato o arroz contém vitaminas, mas um problema psíquico, que deve ser tratado.

Ele estava ansioso por mandá-la embora, e criar um diagnóstico de problema emocional era fácil, fácil. Divertido, até. Mas ele não era médico pilantra, justificou a si mesmo, a mulher bem que deveria ter traumas mentais, e psicólogos tinham paciência para escutar histórias mirabolantes. Onde já se viu, comer arroz cru em quantidades imensuráveis. Além do mais, já passavam das seis, e aturar paciente na última hora do dia era sacrifício que não compensava. Menos ainda quando se tratava de paciente ignorante.

Neuci nem percebeu a distração do doutor, estava concentrada em detalhar como tudo havia começado. Não conseguia mensurar datas, como ele insistia em saber, mas havia anos tinha uma queda especial pelo grão.

– De um tempo para cá, a coisa piorou, ou melhor, melhorou. Comecei a comer arroz a cada duas horas, mais ou menos. Quando não tinha dinheiro para comprar, pegava sacos da dispensa da madame, qual o problema se ela tinha tanto e nem usava?

– Você consegue lembrar desde quando tem esse hábito? – interrompeu o médico.

Pensando nisso, ela notou que pouco guardava lembranças do arroz na infância. Na época, comia as verduras das plantações secas da roça, quando dava fruta também colhia, mas era com arroz que sonhava. Ah, quando tinha arroz dava pulos de alegria, até cair na realidade e precisar dividir com os doze irmãos uma panela só.

– Bem, como cozinheira, eu separava o arroz em copos para abastecer a família grande. Copos e copos de arroz, eu contava. Todo dia tinha arroz, e uma vez eu resolvi terminar com o desperdício. Foi quando comecei a raspar a panela e, depois, os pratos também.

Até aí, tudo normal, saciava a fome da infância na orgia de comer bem – e em boa quantidade. Foi quando, então, sua mente começou a sentir falta de arroz durante o espaço de tempo em que ficava sem comer, do almoço até a janta. Para terminar com o período ocioso, um dia resolveu levar o resto de um saco de arroz na bolsa. Se sentisse vontade, era só saciar comendo um pouquinho. Nem notava que o comia cru, era arroz, afinal.

– Assim foi, doutor. Levo na bolsa sempre um saco de arroz ou um pote mesmo. Já levei até tigela e panela, quando o desejo é grande e não consigo controlar – e abriu a bolsa de pano, mostrando um saco que tomava conta do espaço todo. No fundo da bolsa, ele espiou, grãos espalhados a preenchem.

Recordou-se então das inúmeras vezes em que fazia isso – todos os dias, já havia meses. Na casa da família, escondia-se logo que chegava ao quarto dos empregados e deliciava-se com o grãozinho duro, fresco, pequeno e fino. Ao morder os pedacinhos em conjunto, o clec clec das dentadas a excitava. Clec, clec, clec e o som tornava-se uma canção. Era o período do dia em que se aliviava das tensões, jogando-se no conforto do arroz puro.

De volta ao trabalho, sem mesmo notar, já tinha um punhado de arroz escorrendo entre os dedos rechonchudos, caindo da mão enquanto boa parte abastecia a boca esfomeada. Em momentos de extrema necessidade, via-se lambendo o piso gelado, a língua procurando os grãos como se brincasse de bater carta. Um dia, a patroa a viu assim, com o traseiro gigante empinado e o rosto grudado no chão. Foi quando descobriu.

– Notou alterações no organismo?

– Nada, não, doutor.

Na sua casa, todavia, o esposo nunca desconfiara. Ela disfarçava o comportamento estranho justificando que as idas ao banheiro eram

por causa de diarreia. Na verdade, corria para o cubículo e abria, afoita, o saco de plástico, metendo a cara dentro. Cuidava para fechar os olhos, era viciada, mas não queria arroz penetrado também na sua pupila. Já bastavam as bochechas entupidas – não de ar. No ônibus, escondia também no bolso da calça e, vez ou outra, metia os dedos procurando o alimento cru.

– E as fezes? Está evacuando bem?

– Ah, faço com menos frequência, me sinto presa, sabe? Antes, tinha diarreia, agora nem isso.

– Dores estomacais, desconforto intestinal?

– Qual a diferença? – perguntou a mulher, fazendo batidinhas na pança gorda.

Naquele momento, pôde-se ouvir um ruído estranho. Doutor Luís tentou associá-lo com algum barulho conhecido e se lembrou das miçangas que caíam aos montes no chão, enquanto as filhas criavam pulseiras e colares e depois deixavam tudo bagunçado na sala.

Para mostrar a localização de cada órgão e perguntar sobre a possível dor, ele aproximou-se da barriga volumosa e a tocou, sentindo-se o homem mais corajoso do mundo. Era um médico de verdade, provava o seu maior sacrifício em prol da profissão.

Com as mãos tensas, ensaiou marteladas rítmicas na barriga de Neuci. Um barulho mais alto foi ouvido na sala fechada e o doutor teve certeza de que vinha, sim, de dentro da mulher. Agora, pareciam-lhe bolas de gude batendo umas nas outras. Ignorou o sentimento de nojo. Fazia parte do ofício de médico encarar os casos mais bizarros. E resolvê-los. Foi quando tomou a decisão:

– Vamos precisar olhar esse troço aí – e apontou assustado para o local de onde saíam os ruídos.

Quando se deu conta de como chamara o corpo da paciente, reformulou a frase, não por arrependimento, mas por normas médicas e jurídicas, não queria ser acionado por danos morais:

– Desculpe, precisaremos fazer uma intervenção cirúrgica. Seu aparelho digestivo não me parece estar funcionando direito, não é

normal esse barulho.

Neuci nada falou e pôs-se a bater de novo em cima da barriga que parecia mole, mas na sua textura estava inchada.

– É bom, não é, doutor? Aposto que você nunca ouviu nada igual.

E o barulho ploc ploc ploc repetia-se, para a euforia dela e a apreensão do médico. Que é isso?, perguntava-se ele, inconformado por nunca ter visto – ou melhor, ouvido – sons parecidos saindo de dentro de um ser humano.

Na semana seguinte, aconteceu tudo rápido. Ela chegou ao hospital precário acompanhada do marido. Na preparação para a cirurgia, precisaram de dois aventais daqueles com a bunda de fora para dar a volta no corpo da paciente. A gordura extrapolava o limite não apenas estético, mas físico. A bunda flácida derretia para fora do buraquinho maldito. Duas macas também foram pedidas, o esposo que observava distante só se perguntava, nervoso, se o SUS permitiria assistência em dobro. Já fora milagre conseguir agendar horário num sistema lento como aquele.

O clima na mesa de cirurgia também era de nervosismo. O doutor e mais dois residentes cercavam Neuci para não deixá-la fugir, estava impossível, a mulher não queria anestesia, tinha medo de morrer.

Quando, finalmente, enfiou a mão em suas vísceras, a primeira reação do homem foi a de fechar os olhos, a visão mais nojenta de sua vida o deixara tonto. De olhos cerrados, pela primeira vez na carreira não pôde visualizar a cena, deixou apenas o tato de médico entender o quadro. Então sentiu cócegas, mesmo que a luva se consistisse num filtro, sentiu cócegas, como se afogasse o braço naqueles tonéis profundos de arroz, feijão e milho que são vendidos nas feiras e nos comércios locais.

Abriu os olhos e não controlou, virou para o lado, e o vômito saiu às pressas. Em meio às tripas, inúmeros grãos flutuavam e nadavam sufocados, soltinhos, em milhares, incalculáveis, e batiam-se uns aos outros, competindo por um espaço do mar tomado pelos grãos. Quase não havia líquidos, a água transparente do intestino

misturava-se com o verde da bile, e tudo junto se traduzia na visão de um corpo defasado, em plena degeneração.

Doutor Luís chamou os dois assistentes, que olharam apavorados.

– Fixem os olhos nos intestinos. Quem pode me responder onde está o delgado e onde fica o grosso?

Os dois jovens aprendizes ficaram calados. Não podiam distinguir nada do que viam. Nem o doutor conseguia.

Após os grãos duros serem postos para fora com colheres e conchas que os residentes buscaram correndo na cozinha do hospital, uma nova surpresa aconteceu. Embaixo do arroz seco, uma onda de arroz papado, úmido assim devido à água que o cozinhara durante algum incerto tempo, jorrou do corpo da mulher, como a correnteza de um rio furioso, lavou a cama e molhou o avental do médico. Vinha mais e em maior fluxo, grãos por toda a parte, tapando o corpo da paciente, que estava afogada em arroz até o pescoço. No rosto da mulher, um movimento inacreditável paralisou a equipe: sua boca abria e fechava, sem parar, e a onda de arroz entrou pelos lábios, o músculo facial se estendeu e ficou mais flexível. Litros de pasta de arroz entalaram na garganta, cujas amídalas gesticulavam um vaivém de flexões ansiosas. Neuci parecia querer engolir tudo aquilo e, embora ela estivesse dopada, a sua carne pedia arroz, doutor Luís podia ter certeza.

Os médicos não sabiam o que fazer, o nervosismo aumentava, e nem mesmo os maiores baldes da cozinha davam conta de retirar todo o arroz. A sala parecia pequena demais perto do tamanho da massa gosmenta que se formava, um monstro feito de pequeninos grãos, daqueles que as pessoas conhecem e comem todos os dias.

Então, num verdadeiro transbordamento do rio, o arroz entalado na garganta evacuou pelo nariz branco, que agora estava uma bolota vermelha, e saiu pelas orelhas grandes e até pelos olhos. Sim, pelos olhos, os grãos não a pouparam de nada. Parecia que o arroz estava vivo dentro da mulher, consumindo-a.

Ela era arroz e o arroz era ela.

O fígado

por Silvio Pilau

MINHA PRIMEIRA lembrança é ter aberto a porta. Parado, com os dois pés sobre o tapete com um irônico “Bem-vindo”, estava um fígado. Mesmo para um órgão do corpo humano, ele não tinha boa aparência, parecendo judiado pela vida. Era um pouco maior que eu e trazia uma das mãos escondida atrás de seu corpo gelatinoso.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntei.

— Não me reconhece? — replicou o fígado.

Olhei para ele cuidadosamente e respondi:

— Não, acho que não. Parece ser um fígado completamente acabado, mas acho que nunca vi você em toda a minha vida.

Meu convidado parado à porta pareceu soltar um suspiro desolado. Em seguida, olhou diretamente para os meus olhos. Jamais havia sido encarado por um fígado antes. Um leve tremor percorreu meu corpo.

— Tudo bem, eu já esperava isso — comentou o órgão. — Eu vim aqui para me vingar de todos os maus-tratos que já recebi. Vim aqui para matá-lo.

Fiquei sem saber o que fazer ou responder. Por instantes, tanto eu quanto o fígado permanecemos na mesma posição. Lentamente, ele começou a mover sua mão escondida. Assim que enxerguei o reflexo da luz na faca que ele trazia, dei-me conta de que a ameaça era verdadeira. Ele estava ali para me matar.

Rapidamente, fechei a porta. Mas o fígado jogou-se na minha direção, dando com o ombro na porta. Sua força era descomunal. Fui ao chão, enquanto ele entrava na sala.

Encontrava-me estirado no solo, com um fígado de quase dois metros, segurando uma faca e com raiva mortal de mim, parado na minha frente.

— Por que você quer fazer isso comigo? — perguntei, desesperado.

— Por quê? Por quê? Você ainda tem a coragem de perguntar isso? — exclamava o fígado, completamente alterado.

Notei que tinha feito a pergunta errada. Ele prosseguiu, gritando:

— Que tal anos e anos sem a menor preocupação comigo? Noites intermináveis regadas a cerveja, uísque e tudo o que tivesse álcool? Por que toda essa falta de consideração comigo?

— Mas eu...

— Cala a boca! Cala essa maldita boca! — ele gritava, segurando a faca a poucos centímetros de meu pescoço. Eu estava com medo. Ele respirou fundo e perguntou com calma: — Por que você nunca fumou?

Fiquei pasmo com a questão dele. Tentei disfarçar meu medo e respondi com a voz ainda trêmula:

— Não sei, nunca tive vontade.

— Então! Seu filho de uma puta insensível. Por que o pulmão você sempre tratou bem? Por que cuidava do coração? Rim, pâncreas, tudo funcionando direitinho. Tudo com tratamento VIP. Mas não eu. Não o fígado. Pra mim, a menor bola. Pisando, chutando, maltratando todos os dias. Mas não hoje. Hoje é a minha vez.

Tive que concordar com o fígado parado diante de mim. Não podia culpá-lo por tomar essa atitude. Havia sido negligente com ele e, talvez, merecesse essa retaliação.

— Desculpe, você tem toda razão — tentei ser humilde e reconhecer meu erro.

Ele não disse nada, mas não tinha mais o olhar de ódio. Achei que o momento era favorável e continuei:

— Sei que não dei a você o melhor tratamento do mundo, mas...

— Ah, mas você é hipócrita mesmo. Não deu “o melhor tratamento do mundo”? Olhe pra mim! Estou cheio de cicatrizes, de

marcas. Você matou minhas células. Pareço ter o dobro da idade dos outros órgãos. Você acha que isso me faz sentir como? Em conversas com meus companheiros do corpo, sou deixado de lado, tratado como pária. Como um excluído. Até o apêndice, que não serve pra nada, tem mais respeito que eu junto aos outros órgãos. Ah, como eu lhe odeio! Mas isso termina hoje.

O fígado veio para cima de mim. Tentou dar-me uma facada, mas desviei com agilidade. Pus-me em pé e saí correndo pela porta.

Olhei para trás, esperando que ele não aparecesse. Torcia para que ficasse com vergonha de sair correndo na rua. Afinal, não é todo dia que se enxerga um fígado com uma lâmina na mão tentando tirar a vida de seu hospedeiro.

Atravessei a avenida, escapando de ser atropelado por dois carros. Não olhava para trás. Corria com todas as minhas forças. Foi quando descobri que vergonha não é uma característica hepática. Cego pelo ódio, ele me perseguia tenazmente. Esbravejava:

— Volte, seu desgraçado! Vai aprender a me respeitar!

Não sabia a que distância estava dele. Corria pela calçada, desviando das pessoas. Tinha a consciência de que não poderia ficar ali por muito tempo. Teria que achar outro caminho. Virei para a direita, abri a porta do primeiro estabelecimento e entrei.

Era um bar no estilo de um pub irlandês. Nas mesas, no balcão e até em pé, pessoas bebendo cerveja e chope. Percebi que tinha errado em minha escolha, mas agora era tarde. Precisava me esconder.

Corri para uma mesa no canto mais escuro do local. Nesse momento, ouvi a porta se abrir com um estrondo. O fígado entrara.

Sua primeira reação foi de pânico. Olhava em volta de si e enxergava as pessoas bebendo com prazer, deliciando o malte da cerveja. Todos, sem exceção, destruindo seus fígados.

O fígado que me perseguia indignou-se:

— Seus assassinos! Sádicos! Psicopatas! Vou matar cada um de vocês! Arrancarei as unhas dos pés e das mãos de seus filhos – esbravejava, apontando a faca para os frequentadores do local.

Logo em seguida, a expressão da sua face mudou completamente. O fígado entristeceu-se e caiu de joelhos no chão. Para a surpresa de todos, começou a chorar.

Foi uma cena tocante. Jamais havia visto um órgão do corpo humano derramar lágrimas, exceto as próprias glândulas lacrimais. Compungido, ergui-me do meu pretense esconderijo e me dirigi ao fígado chorão.

— Calma, não fique assim – disse a ele, em tom alentador.

Ele olhou para o meu rosto e falou:

— Não entendo o que eu fiz pra merecer isso. Não entendo.

Sentindo-me culpado por deixá-lo daquele jeito, cheguei mais perto para oferecer consolo. Ajoelhei-me no chão e envolvi o fígado em um abraço.

Nesse exato instante, senti uma dor aguda na barriga. Afastei-me e vi o fígado segurando a faca cheia de sangue.

Ele conseguira me esfaquear. Fui ingênuo demais, caindo em sua armadilha. Pelo pouco que conhecia do corpo humano, dei-me conta de que ele havia me apunhalado na altura do fígado.

Mais do que uma vingança, aquilo era também um suicídio. Um ato de misericórdia.

Enquanto eu, aos poucos, desfalecia, com sangue pelo corpo, vi meu algoz esboçar um sorriso. Ele sangrava a partir de um gigantesco corte que atravessava todo o seu corpo.

Abraçou-me. Tombamos juntos para meu lado direito, com os últimos suspiros em um ritmo cada vez mais lento. Com os olhos quase fechando, consegui vislumbrar os frequentadores do pub.

Alheios ao que acontecia, continuavam deliciando-se com suas bebidas.

O desvio

por Antonio Xerxenesky

“There’s a devil waiting outside your door.”

Nick Cave

EM ALGUMA ESTRADA, cujo nome não importa, aconteceu o seguinte. Havia um homem dirigindo um carro esportivo pelo deserto ensolarado. Estava sozinho no carro, ouvindo um rock tranquilo, sem vocal, quase minimalista. Conduzia havia algumas horas e mantinha a mesma expressão impassível no rosto parcialmente coberto pelos óculos escuros. A temperatura regulada pelo ar-condicionado contrariava o céu sem nuvens. O relógio marcou seis horas e trinta minutos. O motorista buscava um trajeto, um desvio, soltava o pé do acelerador sempre que via uma placa. Também relaxava os músculos do pé quando passava por algum sujeito pedindo carona. Ria deles, às vezes. Lembrou-se do seu amigo que gritava “eu tô de carro!” para as pessoas na parada de ônibus. Três mochileiros com jeito de hippies depois e então... Ela. No acostamento direito da pista.

Tinha uns dezesseis anos, talvez. O sol já estava se pondo, mas pôde avaliá-la com precisão. Sua microssaia e suas meias de arrastão lhe fizeram cogitar por uns instantes que ela poderia ser uma prostituta, mas concluiu que não. A jovem portava uma cruz ao contrário pendurada no pescoço, uma saia preta segurada na cintura fina por um cinto cheio de espetos de metal. Na orelha direita, entre cinco e oito adornos prateados cobrindo quase toda a sua extensão. Também vestia uma camiseta preta com mangas picotadas e uma estampa de alguma banda de heavy metal com demônios desenhados.

“Mas que gostosa, puta que pariu!”, o homem exclamou para si mesmo, reduzindo de cento e cinquenta a zero por hora em poucos segundos, como nas propagandas da tevê. Abaixou o vidro elétrico e gritou:

“Pra onde você tá indo?”

Ela, tímida, apontou o horizonte que atingiriam seguindo em linha reta.

“Curioso. Eu também.”

Ela sorriu.

“Quer uma carona? Eu tenho que pegar um desvio que não sei bem onde é, daí eu te deixo ali. Pelo menos é mais perto de onde você quer chegar, não?”

Abriu a porta e entrou no automóvel.

“Não tem medo de dar carona pra uma completa estranha?”

“Oras, você pode se vestir de preto, mas não parece uma serial killer pra mim.”

Outro sorriso. Ela estava atraída por ele, o motorista tinha certeza. Entretanto, a música reproduzida pelos alto-falantes parecia desagradar a jovem.

“Não sei se tenho aqui algum tipo de música que você gosta.”

“Tá legal, deixa pra lá. Você tá me dando carona, já tá mais que bom.”

Ainda assim, apertou o botão de desligar e começou a olhar os discos que guardava atirados em um vão da porta esquerda do automóvel. Puxou um deles e mostrou para ela. Era um CD completamente preto, com o nome do cantor em branco, fonte pequena. Perguntou, com as sobrancelhas, se ela gostava, e teve como resposta um sacudir de ombros, de “não conheço”. O rosto dele se iluminou.

“Eu adoro mostrar músicas novas pras pessoas”. Inseriu o disco no aparelho. “O pessoal hoje em dia é meio bitolado. Sempre escuta as mesmas coisas.”

Ele pulou até a faixa 3. Ela manifestou certo estranhamento.

“Bizarra a voz desse cara. Meio dançante, também. Isso eu não gosto muito.”

“É dos anos 80, sabe como é. Mas eu coloquei porque as letras dele são sempre bem sinistras, com assassinatos e tudo mais. E a voz

cortante. Adoro.”

O player indicou um minuto e meio passado.

“Acho que ele fala sobre o diabo nessa música.”

“É?”

“A-hã. E ele seria o diabo. O narrador.”

“Bacana!”

“Ele diz que veio buscar a alma de alguém, um treco assim. É o que eu entendo pelo menos. Nunca li a letra inteira, só pego umas frases de ouvido.”

Ela, acanhada, virou-se para a janela.

“É, vou ter que admitir, é uma música legal para escutar com o sol quase se pondo, pegando uma estrada...”

Ficaram sem assunto, e ele apertou botões aleatórios no aparelho, fingindo entender de equalização sonora. Alguns segundos de silêncio constrangedor e ela abriu os lábios para falar, esboçando uma sensualidade que ativou a imaginação do motorista.

“Mas é muito engraçado que você veio me mostrar logo essa música.”

“É? Por quê?”

A faixa 4 tinha começado, bem mais lenta e melancólica que a anterior.

“Porque eu sou o diabo. E vim aqui buscar a sua alma.”

Ele riu. Gargalhou, até. Daí riu mais um pouco. Olhou para ela. Estava séria, mas mantivera o rosto de adolescente meiga e amável.

“Boa essa piada.”

“Sério.”

Ele tentou repetir o esquema da gargalhada.

“Não é tão engraçado quando é verdade, né?” ela disse, espremendo os olhos, como se assim fosse possível enxergar através dos óculos escuros do motorista.

“A brincadeira tá perdendo a graça.”

“Por que você acha que ainda não encontrou o desvio que procura?”

“Porque eu sou completamente perdido, que tal?”

“Você realmente acredita nisso?”

Ele sinalizou que sim com a cabeça.

“E pra onde acha que você, ou melhor, nós, estamos indo?”

Os últimos raios já haviam iniciado o processo de despedida no horizonte.

“Não tô vendo chamas ou qualquer coisa que o valha ali na frente.” ele disse, e tossiu nervoso.

“O nível, o círculo mais baixo do inferno é gelado. Nunca leu Dante?”

“Ah, sim, sim. Escuro e gelado, porque é o mais longe de Deus possível.”

“Você não parece assustado.”

“Você realmente acha que eu vou cair nessa?”

“O diabo pode assumir as mais diversas formas. De uma garotinha inocente na estrada. Não? Então me diz. Por que eu não sou o diabo?”

Ele refletiu.

“Bom. Em primeiro lugar...”

“Em primeiro lugar...?”

“Você não pode ser o diabo...”

“Por...?”

“Porque eu sou o diabo.”

Foi a vez dela de achar graça e demonstrar isso com uma gargalhada forçada e artificial.

“Sim, é sério. Eu sou o diabo. Por que você acha que logo eu apareci para dar carona? E você sabe o que é o desvio que eu tô procurando?”

“O caminho para me levar ao inferno?” ela disse, no meio de um estouro de risos.

“Isso aí. A diferença é que eu tenho um motivo.”

“Tem? E qual é?”

“Eu não tolero quem se passa por mim. Quem fica dizendo para os outros que é o diabo. Almas patéticas. Por que fingem tanto serem o diabo se quando conhecem ele ficam assim com essa cara, do tipo, ‘foi tudo uma brincadeira, por favor não leve minha alma’? Hein?”

Ela olhou para o pino da porta. Trancado. O velocímetro indicava 170 km/h.

“Você acha que por se vestir de preto, se comportar como uma cadela no cio, furar o nariz, isso vai te deixar mais parecida comigo? Olhe pra mim. Eu tô usando uma jaqueta jeans, óculos escuros. O diabo é discreto, não é uma menina gótica metida a besta que nem você.”

“Cale a boca! Não quero mais carona. Como funciona esse pino? Aperte o botão que abre aí!”

“Você sabe que aconteceram vários estupros aqui por essa região, né? Garotinhas de microssaia não deveriam ficar aqui, esperando algum caminhoneiro tarado no escuro. Tem certeza que quer descer?”

“Qualquer psicopata é melhor que você. Seu porco psicótico. Eu só tava brincando com aquela história. E agora você vem com esse papo com um jeito de quem tá falando sério, quando eu sei que, no fundo, no fundo, não tá. Mas sei lá, vai que você é um maníaco, algo assim. Então é bom que você me diga agora, agora mesmo, que tá brincando. Senão, eu prefiro descer aqui.”

Ele finalmente tirou os óculos, não necessitava mais deles na noite que já caía sobre o deserto. Aguardou alguns instantes antes de falar, saboreando o medo impresso na garota.

“Sim, eu tô brincando. Só queria que você admitisse a sua brincadeira também. Desculpe se eu fui longe demais.”

Ela sorriu com a mesma inocência dos primeiros sorrisos que deu logo que entrou no carro. Ele retribuiu.

“O nosso humor não é dos mais saudáveis, né?”

Olharam-se como um casal em um final feliz de Hollywood.

Ele pensou: “depois dessas piadinhas de mau gosto, acho que, no fim das contas, vou comer essa menina hoje. Será que tenho camisinha na carteira?”. Ela pensou: “Que dia. Mal posso esperar para contar para as minhas amigas”. Estava começando a simpatizar com o estilo da música. “Cara legal. Fazia mais de mês que não conhecia alguém tão legal assim.”

O desvio apareceu a 500 metros deles, sem placa alguma indicando seu surgimento.

“Olhe! Acho que é esse aqui. Quer descer?”

“Suas histórias me assustaram.” Ela engoliu fundo e se remexeu no banco. “Acho que prefiro continuar com você até a cidade onde você tá indo, sei lá. Essa estrada é sinistra de noite mesmo.”

Os dois entraram no desvio, uma estrada um pouco mais fina. Alguns quilômetros depois ele começou a se perguntar se tinha acertado o caminho, mas, no papel de homem orgulhoso, se recusou a admitir que talvez não soubesse o trajeto. O frio foi aumentando vertiginosamente, e os dois acreditaram que assim era o clima à noite naquele deserto. Ele ligou o ar-condicionado no quente, potência máxima. De nada adiantou. No fim do desvio, dizem que o frio é tão forte que é capaz de congelar qualquer viva alma. Afinal de contas, é o lugar mais longe de Deus, e o diabo detesta pessoas que se passam por ele.

Quando eles chegaram

por Rafael Bán Jacobsen

O sistema de baías isoladas é bastante eficiente para o confinamento das unidades. Todavia, os seres dessa espécie – para utilizar uma terminologia própria deles –, por terem desenvolvido rudimentares formas de arte, comunicação e interação social, podem sofrer de grande apatia, adoecer e definhar se completamente privados de tais elementos, o que, sem dúvida, acarreta perdas na produção. Para contornar esse problema, algumas soluções triviais: reprodução de sons variados no ambiente, uso de celas com mecanismo de estimulação tátil e olfativa programada ou mesmo o fornecimento de material simples para escrita. O bem-estar das unidades produtivas deve ser sempre a preocupação maior.

Manual de Técnicas de Manejo e Abate
Versão Beta

Volume XIII – Humanos
Ano 2167 (tempo terrestre)

QUANDO ELES chegaram, estávamos juntos em nosso quarto, o dia querendo tingir de laranja a transparência úmida das taças de champanhe, a minha-pele-tua, o redemoinho branco dos lençóis. Estás ouvindo?, perguntaste, erguendo a mim teus olhos enevoados de sono. Sim, eu disse, algo está acontecendo, tantos gritos aí fora, parecem todos loucos. A pressão de tuas unhas nos meus ombros antecipou a pergunta: será que eles chegaram?

Liguei o televisor holográfico, e a imagem que dominou o aposento, engolindo, com suas cores, o relevo dos móveis, não deixava, tamanha a clareza, espaço para qualquer esperança de equívoco ou dúvida confortável: era um imenso geoide, pousado na esplanada em frente ao Palácio do Governo Central, cercado por uma multidão de curiosos a se acotovelarem e por soldados das tropas especiais, protegidos em suas armaduras de quartzo polimerizado e carregando pesados rifles a laser. Sim, eles haviam chegado.

Não eram boatos, tampouco uma conspiração antigovernista, como afirmavam as autoridades, as notícias espalhadas nos últimos dias, dizia o repórter. O anúncio feito por observatórios astronômicos independentes a respeito da aproximação do objeto não-identificado confirmava-se agora de modo irrefutável. Ali estava, tangível, o

delírio dos inimigos do sistema; ali estava, destruindo o gramado da maior praça da capital do planeta Terra, a mentira dos acadêmicos universitários que, atuando em áreas como exobiologia, buscavam justificar captação de recursos para suas pesquisas; ali estava, em intensas cintilações de âmbar, à primeira luz do dia, a inventividade dos autores de ficção científica.

Estavas em pânico, senti; por isso te abracei.

Não há exagero em dizer que o planeta parou quando eles chegaram. Acompanhávamos as notícias segundo a segundo, enlaçados sobre o colchão, querendo acreditar que era apenas mais um filme tolo ou, melhor, que os excessos do amor na noite passada haviam induzido um sono abissal do qual ainda não tínhamos despertado. Nunca antes eu havia me sentido testemunha da história como naquele momento, nem mesmo quando instaurou-se o Governo Central após a Terceira Guerra, nem mesmo quando, a seguir, nossa cidade foi escolhida a capital. E não importa se vou viver mais dois dias ou cem anos (cem anos, impossível, o destino não pode ser tão perverso): jamais esquecerei as palavras que, em nossa língua, ecoaram da nave por toda a esplanada e, dali, foram transmitidas para todo o mundo.

Não temam! Em paz e em segredo, os visitamos por muitos séculos e, agora, também em paz, nos revelamos. No universo, somos vizinhos; na caminhada evolutiva, somos irmãos. Trazemos nossos ensinamentos e buscamos a acolhida neste planeta, pois muitos dos erros que hoje aqui são cometidos nós também já cometemos. Não temam, pois ainda há esperança. Trazemos a boa nova.

Contrariando as expectativas, eram muito parecidos conosco, apenas mais altos, sem pelos e com um dedo a mais brotando em cada pulso. No encontro com o Grande Líder e os conselheiros da Liga das Nações, mais detalhes: vinham de um planeta em galáxia não-catalogada ainda pelos terráqueos, um planeta dividido pelas guerras e condenado à morte pela inépcia e arrogância de seus habitantes. Atingira tal ponto a degradação daquele pequeno mundo – sete vezes menor do que a Terra, declararam –, que os

sobreviventes tiveram de colonizar outro planeta e lá reiniciar sua civilização. A mesma tecnologia responsável por tanta destruição havia lhes concedido uma segunda chance. E, nessa nova etapa, foram lançados também novos alicerces, explicaram; não queriam ver repetida, nem em seu novo planeta nem em outro, a catástrofe que, por um triz, não os havia dizimado.

Quando eles chegaram, tu insistias em dizer que algo não ia bem. Não importava que eles, em pouco tempo, tivessem conseguido debelar, com seu alerta e sua diplomacia, os últimos focos de tensão armada no oriente, que eles houvessem convencido as autoridades a destruírem as bombas de nêutrons ainda guardadas em arsenal, que eles estivessem, gradualmente, entrando em nossa sociedade, fundindo-se a ela, e conosco compartilhando sua notável tecnologia, capaz de produzir e executar muito mais com muito menos demanda energética, não, nada disso importava; vinhas a mim, beijavas minha boca – um beijo trêmulo, um quase-suspiro –, e falavas: isso não está bem.

Quem poderia concordar com essa tua visão até aquela noite?

De madrugada, fomos acordados pelo soar de alarmes em toda a cidade. Pela janela do apartamento, vimos, pouco depois, o firmamento incendiar-se com a luz dos inúmeros geoides que irrompiam aqui e ali, dissolvendo a escuridão; as últimas nesgas de céu noturno eram pontas de gelo negro agonizando em meio à fúria da lava escarrada por um súbito vulcão. No televisor ligado às pressas, um repórter pálido, em cenário de batalha, tentava dominar o pavor para informar que eles haviam deflagrado um motim contra os humanos, os quais, por sua vez, pacificados por conveniência, não tinham como se defender. Milhares de naves se aproximavam da Terra naquele instante. Antes de a imagem tridimensional desaparecer numa torrente de chiados e interferências, o repórter conseguiu ainda dizer: eles estão aprisionando os humanos e se utilizando do nosso próprio sistema de transporte coletivo para conduzir os cativos até um lugar ignorado.

Tu caíste de joelhos diante de mim, cingindo minhas pernas, e sussurrando o que, mais do que um desejo, era uma súplica lançada ao vazio: se é para morrer, quero morrer contigo. Os gritos já ecoavam mais alto do que os alarmes, e cada vez mais próximos, subindo as escadas, avançando pelo corredor. Deixei-me cair também. De repente, estrondos, e, na porta do quarto, dois vultos gigantescos, um relâmpago e mais nada.

Pesadelo superpovoado de vozes, uma nuvem de calor – sim, era o inferno. Eu sei, chorava alguém, sei o que vão fazer: vão nos transformar em comida, em cobaias para experimentos. Por quê?, indagava uma pessoa mais rouca. O que fizemos para merecer?

Abri os olhos. Embora inconsciente até aquele momento, estava quase de pé no vagão abarrotado, e tu, por milagre, bem ao meu lado, ainda de pálpebras cerradas, o corpo mole oscilando com os movimentos caóticos daquela cáfila humana uniformizada na desgraça. O veículo perdia velocidade, parando. Passei meus braços ao redor do teu tronco e, mesmo nunca tendo acreditado em Deus, rezei para que tu não despertasses.

Porém, não foi assim. As portas da cabine se abriram, e tu retornaste exatamente quando eles chegaram.

Eram centenas contra as poucas dezenas de nós que saíam de cada vagão. Forçavam nossos passos adiante, por um estreito corredor, utilizando hastes metálicas que, a longa distância, emitiam centelhas elétricas. No tumulto, foi inevitável a separação: chamei teu nome, forcei os olhos na penumbra e, tendo, enfim, de aceitar a derrota, ainda juntei o que restava de mim e gritei uma jura de amor inútil, sufocada pela agonia de tantos. Naquele instante, não só a jura era em vão, o próprio sentimento tinha valor algum, impotente no confronto com a tragédia.

Cada indivíduo foi trancado em uma cela solitária, tão minúscula que as únicas opções são permanecer sentado ou deitar. Aqui neste galpão sem abertura alguma ao exterior, são centenas, talvez milhares delas, separadas em andares e baterias. A luz artificial, acesa o tempo todo, apenas varia de intensidade; tantas vezes me

peguei rangendo dentes, sacudindo a cabeça e, quase em transe, implorando que ela se apagasse ao menos por um minuto. A temperatura aqui varia bastante e sem alternância lógica, como se as quatro estações disputassem perpétuo jogo de forças. Tudo programado, tudo para nos manter estimulados. Têm a mesma finalidade o papel e o lápis que me dão, e também esses sons que asfixiam: pássaros de mentira, chuva eletrônica, trovões computadorizados, ruídos diversos, fantasmas de uma realidade na música intermitente. Nenhum barulho, todavia, consegue se sobrepor aos gemidos dos prisioneiros e, menos ainda, ao trinado constante das correntes e engrenagens da Máquina. É assim que eles a chamam: a Máquina.

Sua estrutura de um anacronismo cruel ocupa toda a ampla área central do galpão. Começa em um trilho, ao longo do qual correm os ganchos em que as vítimas são presas pelos pés, de cabeça para baixo, uma procissão macabra de improváveis morcegos brancos. Dali, chega-se à serra rotatória, peça responsável pela decapitação. As cabeças, não sei bem por que, não são aproveitadas e, por isso, caem direto em um incinerador de detritos posicionado logo abaixo da lâmina. A próxima seção da Máquina é o tanque de escalda, um tonel de líquido em ebulição, onde são mergulhados os corpos para facilitar a posterior retirada da pele (infelizes aqueles que, em seu instinto de sobreviver, tentam se balançar ou dobrar o tronco para escapar da serra, pois acabam, muito feridos mas, ainda conscientes, encontrando seu fim nesse borbulhante Aqueronte, após prolongada agonia). A seguir, o tambor de escarificação, cilindro oco, posicionado na horizontal e revestido de lancetas móveis, que, girando em torno de seu eixo, com o agora indubitável cadáver em seu interior, remove-lhe a pele. Por fim, o picador, uma espécie de tubo onde os corpos são moídos grosseiramente ao mesmo tempo em que são centrifugados, a fim de separar o excesso de sangue e outros líquidos, os quais escorrem por canaletas até um grande ralo. O que resta, terminado o processo, são contêineres transbordantes de uma pasta vermelha, matéria viscosa formada pela anulação de centenas de seres que um dia existiram, experimentaram desejos e sensações,

que pisaram na Terra e nela tiveram seu lugar – tudo transformado, quando eles chegaram, em uma coisa única, sem forma, massa em que o próprio sentido da vida foi diluído.

Relendo o que escrevi acima, surpreendo-me comigo, com a quase-frieza do parágrafo. Mas minha percepção nem sempre foi assim, o tempo se encarregou de me fazer pedra (muitas semanas, sim; vários meses já? há quanto tempo estou aqui?). Até a tua presença em meu pensar foi ralentando; seria uma heresia invocar a beleza da tua imagem e tuas mil sutilezas em uma mente tão conspurcada de sangue, tão mutilada pela violência.

Nos primeiros dias, não olhava para fora da cela, não enfrentava, de maneira alguma, a aterradora visão da Máquina, e a expressão, ou melhor, a ausência de expressão dos magarefes fazia-me gelar. Ao contrário do que se poderia supor, não tinham as faces contraídas de ódio ou qualquer vestígio de sadismo estampado nos rostos. Estavam ali indiferentes, envolvidos em um trabalho mecânico – transportar os humanos acorrentados até a Máquina, prendê-los nos ganchos, cuidar para que nenhum escapasse vivo –, apenas mais um trabalho como tantos outros. Essa apatia constante e a semelhança deles com a nossa própria espécie eram, sem dúvida, fonte maior de desconcerto e pânico.

Pânico, aliás, foi o que me acometeu logo na primeira vez em que eles trouxeram a ração. Reconheci, de pronto, naquela papa cheirando a azedo, pedaços de carne quase crua, púrpura. Cogitei morrer de fome. Mas nem para isso tive veias e paixão suficientes – eu-pedra.

A última visão que tive de ti foi, creio, o estertor de minha capacidade de sentir. Quando passaste, esbatida entre tantas outras pessoas, sendo conduzida à Máquina, alguma coisa se agitou dentro do meu peito. Tive vontade de gritar teu nome, espremer meu corpo entre as grades, tudo isso por um segundo. Engoli as palavras abortadas junto com a pouca saliva de minha boca seca. A certeza da minha morte, pensei, era, naquele momento, o consolo que tinhas para encarar a tua própria.

Desde esse dia, estranhamente, tenho comido a ração com mais voracidade, e a carne parece mais tenra e adocicada. Os vômitos são também mais comuns; contudo, sinto que estou ganhando peso. Acho que eles vão gostar.

Quando eles chegaram, o abismo – holocausto.

*Agradeço ao escritor Diego Lopes
pela sugestão do argumento.*

Sobre os autores

Samir Machado de Machado | *O homem que criava fábulas*

Nasceu em 1981 em Porto Alegre (RS). É publicitário, trabalha com design editorial e é um dos criadores da Não Editora. Idealizou e organizou a coleção *Ficção de polpa*. Seu conto *Os expressionistas* foi adaptado para curta-metragem em 2008. No mesmo ano, estreou na narrativa longa com a novela *O professor de botânica*, finalista do Prêmio Açorianos.

Guilherme Smee | *Carne*

Guilherme “Smee” Sfredo Miorando nasceu em Erechim em 1984. É redator publicitário e um dos editores da Não. Realizou oficinas literárias com os escritores Cíntia Moscovich e Luiz Antonio de Assis Brasil. Colabora com textos sobre quadrinhos para a revista *ThingsMag* e para o site *Fanboy*.

Rodrigo Rosp | *Linguista*

Nasceu em dezembro de 1975. cursou, na UFRGS, graduação em Publicidade e Propaganda e pós-graduação em Estudos Linguísticos do Texto, além de MBA em Marketing na ESPM. Publicou os livros de contos *A virgem que não conhecia Picasso* e *Fora do lugar*. Sócio da Não Editora, fundou também, em 2009, a editora Dublinense. Atua como revisor e editor.

Marcelo Juchem | *Cosmologia*

Nascido e criado no interior do Rio Grande do Sul, é graduado em Comunicação Social com mestrado em Letras. Estudou Direito, fez estágio agrícola na Alemanha, viajou de carona Brasil afora, trabalhou com arte gráfica e fotografia. Pratica contos, fotos, festas e outras cousas não menos divertidas.

Gustavo Faraon | *Os internos*

É jornalista, mestrando em Comunicação – Linguagem e Culturas da Imagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Teve contos publicados em algumas antologias, como o almanaque *Não vamos generalizar*. Desde 2007, é editor do *CineSemana*, jornal semanal dedicado ao cinema distribuído no Rio Grande do Sul e em

Santa Catarina. Também é editor da revista *Turismo Gaúcho* e do *Diário do Festival de Cinema de Gramado*, publicação oficial do evento. Em 2009, fundou a editora Dublinense.

Sergio Napp | *Dias de fome, noites de cão*

Nasceu em Giruá em 1939. Graduiu-se na UFRGS. Autor de *Desgarrados* e outras 200 composições. Amigo da Elis e da Maria Rita, do Emílio Santiago e do Zeca Baleiro. No concurso Apesul/Correio do Povo/IEL, foi recordista de indicações (feito a Greta Garbo, nada ganhou). Publicou onze títulos (poesia, conto, novela, infanto-juvenil, letras), sendo o mais recente *das Travessias* (WSEditor). Lançou o CD *Angela Jobim interpreta Sergio Napp*. Grande novidade, agora tem site: sergionapp.com.

Rafael Spinelli | *O homem dos ratos*

Nasceu no Rio de Janeiro em 1979. Antes do primeiro aniversário, mudou com a família para Porto Alegre. É formado em Psicologia e em Educação Física pela UFRGS. Durante alguns anos, estudou o comportamento de crianças e adultos, psicopatas, esquizofrênicos e portadores de outros males psíquicos. Atualmente, realiza pesquisas na área de cinesiologia e trabalha com treinamento de força. Participa de seminários de criação. Escreve contos.

Rafael Kasper | *Tempestade em Coney Island*

É porto-alegrense, nascido em 1981. Formado em Publicidade e Propaganda pela UFRGS, passou pela oficina de criação literária de Luiz Antonio de Assis Brasil, em 2006, quando publicou alguns de seus contos pela antologia *Contos de oficina 37*.

Roberta Larini | *Ventre*

Nasceu em Porto Alegre em 1977. É publicitária formada pela PUC-RS. Começou escrevendo artigos para o site CineBR.com. Fez oficina de criação literária com Charles Kiefer e publicou contos no site da própria oficina e no *Armazém Literário*, página do Jornal do Brasil.

Luciana Thomé | *Funghi*

Nasceu em 1977 e mora em Porto Alegre. É jornalista, webwriter e assessora de imprensa. Possui pós-graduação em Jornalismo Literário (ABJL) e participou da oficina literária ministrada por Luiz Antonio de Assis Brasil. Desde 2002, escreve o blogue *50 kg*. É editora da Não.

Alessandro Garcia | *Vãos*

Nasceu em Porto Alegre em 1979. Escritor e editor da Fósforo, trabalha com publicidade, literatura e jornalismo cultural. Também é autor da peça *A irmandade dos robustos*, montada em 2001 e publicada pela Secretaria de Cultura. Foi colunista do site Digestivo Cultural e, hoje, escreve para o *Globo Online*, *Cronópios* e *Suburbana*.

Fernando Mantelli | *A meia-noite do fim do mundo*

É porto-alegrense, graduado em Comunicação Social, publicitário, escritor, cineasta e professor de cinema. Publicou os livros de contos *Feliz fim do mundo* e *Raiva nos raios de sol* (Não Editora, 2008). Fez vários curtas, médias e filmes para a televisão, tais como *Drop out*, *As flores do mal*, *A próxima geração* e *Sintomas*.

Annie Piagetti Müller | *Cabeça-de-arroz*

Nasceu em 1985, estuda Comunicação Social e se considera eclética na leitura e na escrita. Como leitora, se encontra desde em Machado de Assis e Clarice Lispector até em Gabriel García Márquez e Fiódor Doistoiévski. Como escritora, é conhecida do público infanto-juvenil pelos três volumes da série *A turma do meet*, que já passa dos nove mil exemplares vendidos.

Silvio Pilau | *O fígado*

Nasceu em 1983 em Porto Alegre. É redator publicitário, formado em Publicidade e Propaganda pela PUC-RS. Escreve críticas de cinema para o site *Cine Players* e já teve conto premiado no Prêmio Revelação Literária do Palco Habitasul.

Antônio Xerxenesky | *O desvio*

Nasceu em Porto Alegre em 1984. É autor do romance *Areia nos dentes* (Não Editora, 2008), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura na categoria narrativa longa. Já publicou narrativas curtas em antologias e reunidas em um volume, o livro de contos chamado *Entre* (Ed. Movimento/Fumproarte). Seu conto *O desvio* foi adaptado para a TV por Fernando Mantelli. Atua como editor da Não e organiza a revista online de crítica literária *Cadernos de Não-Ficção*.

Rafael Bán Jacobsen | *Quando eles chegaram*

Nasceu em 1981 em Porto Alegre. É físico, professor, pianista, poeta e escritor. Participou de inúmeras coletâneas e tem grande quantidade de artigos publicados em jornais e revistas. É autor das narrativas longas *Tempos & costumes* (1998), *Solenar* (2005), vencedor do Prêmio Açorianos, e *Uma leve simetria* (2009, Não Editora), finalista do Prêmio Açorianos. Trabalha, atualmente, com pesquisa em Física Nuclear e de Partículas na UFRGS.

Copyright © 2012 Alessandro Garcia, Annie Piagetti Müller, Antônio Xerxenesky, Fernando Mantelli, Guilherme Smees, Gustavo Faraon, Luciana Thomé, Marcelo Juchem, Rafael Bán Jacobsen, Rafael Kasper, Rafael Spinelli, Roberta Larini, Rodrigo Rosp, Sergio Napp, Silvio Pilau, Samir Machado de Machado
ISBN: 978-85-61249-31-1

Conselho Não-Editorial

Antônio Xerxenesky, Guilherme Smees, Gustavo Faraon,
Luciana Thomé, Rodrigo Rosp e Samir Machado de Machado

Capa e projeto gráfico

Samir Machado de Machado

Ilustração da capa

Gisele Oliveira

Revisão

Luciana Thomé e Rodrigo Rosp

Produção para ebook

Janaína Salgueiro

Para mais informações, visite

www.naoeditora.com.br



não • editora

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

Av. Taquara, 98/504

Petrópolis – Porto Alegre – RS